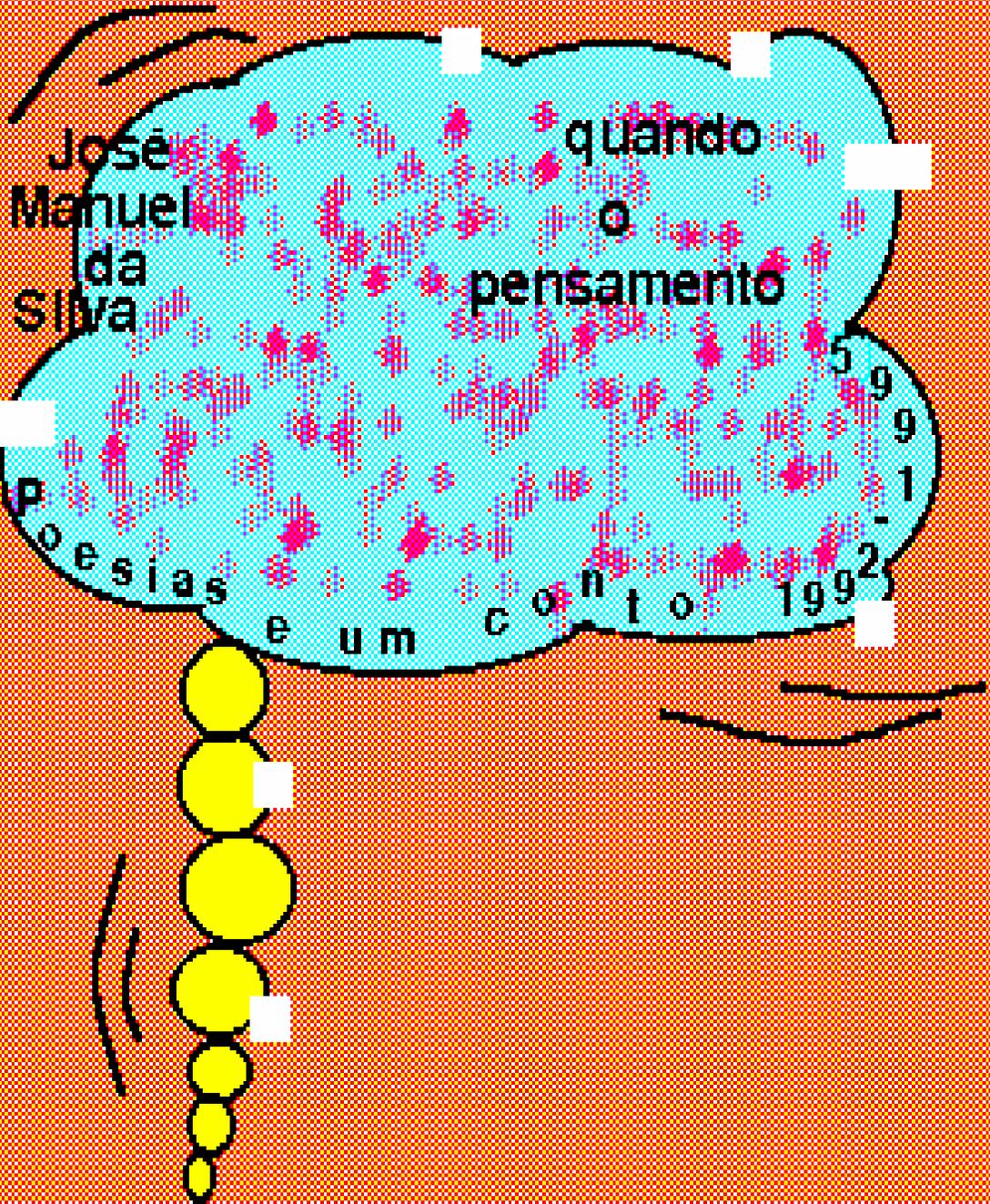


José
Manuel
da
Silva

quando
o
pensamento

Poesias e um conto 1992

CC



quando o pensamento

**poesias e um conto de
José Manuel da Silva
(1992-1995)**

©

Copyright

ÍNDICE

<u>Título</u>	<u>Página</u>
MEU PAI	005
REFLEXÕES DE PAU A PIQUE	006
CURTA-METRAGEM	010
WAITING FOR A FRIEND	011
À GUISA DE EPITÁFIO	012
SOLENE ADORMECIDA	016
.....	023
O HOMEM QUE ACHAVA	024
IMAGENS	026
REFLEXÕES PITORESCAS DE JUNHO	038
LAMPEJOS ou POR QUE NÃO ME DEIXARAM LER A BÍBLIA	041
A PEDIDOS	058
LUGAR-COMUM	060
METÁFORAS	061
ÉPICO	063
.....	064
PRESENTE	065
NÓS SEM O MUNDO.....	066
INSTANTE	067
OF LOVE FORLORN	068
UM ENQUANTO	069
PORQUE NÃO CONSIGO TE ESQUECER	070
PENSAMENTO INTERROMPIDO.....	072
CONSPICUO	073
PEDACOS	074
OFERTA.....	075
TEATRO DO ABSURDO	076
O RAPTO DO TEMPO	079
A SAÍDA.....	081
LONELY TALE	086
COMENTÁRIO	087
ABSOLUTO	088
O FIO DO PAVIO	090
Poemas a Minha Estrelinha Perdida em Varadero	092
MOMENTOS DE UM AMOR INFINITO	093
POEMAS SEM CABEÇA	096
.....	097
.....	098
O PAI DO RECÉM-NASCIDO	099
O RELÓGIO	100
DOIS POEMAS ATITULARES	101
CARPE MOMENTUM	103
LÓGICA	104
PEQUENO RESUMO DA CONDIÇÃO ATUAL DO POVO BRASILEIRO	105
NATAL	106
PUNGENTE	107
PRÉ-SONO	108
POSTULADO	109
NOCTÍVAGO SOLITÁRIO DE PLANTÃO	110

PORQUE A VIDA SE IMPÕE AO POETA	111
POEMA CURTO DO RIO DE JANEIRO	112
POEMA CURTO DO BRASIL	112
FÁBULA DA GAZELA QUE QUERIA SER RAINHA DA FLORESTA E MORREU AFOGADA NO CAMINHO DE CASA, APÓS UMA BEBEDEIRA QUANDO RECUSOU UMA PROPOSTA PARA SER VENDEDORA DE COSMÉTICOS	113
CONSTATAÇÃO	114
PERGUNTA COMPULSIVA	115
POEMAS GRAMATICAIIS	117
APÓS A NONA DE BEETHOVEN	118
DUELO	119
DECLAMATIVAMENTE	120
ELOS	152
DEBATE	153
PORQUE O POETA COMANDA O LEITOR	154
MAIS CURTAS	155
POEMA INTERROGADO	158
PERSONAGENS NOTURNAS	159
MULHER	160

Copyright

MEU PAI

Não choro por ti, pai
Choro por mim
Por tudo que não fiz
Pelo teu fim.

Talvez queira dizer-te
Não vai ainda não
Enfim, como não posso,
Herdo-te a lembrança e a solidão.

*Rio, 21/02/92.
Capela D
Cemitério de São Francisco Xavier
16:00*

Copyright

REFLEXÕES DE PAU A PIQUE

Algo singelo estremece os arrefeceres da poesia imorredoura
 Como um tridente filetado em agonia impotente de rancores
 Um místico endemoninhado que se apossa dos santos tribunais
 Possessões anfitriãs e sem escolhas que se cansam do poder
 Medalhões gananciosos e assassinos avatares de um tempo
 Mórbido de amores idos e vãos no som das pontes do anteontem
 Cápsulas e rótulas almanaques engordados na perfídia e podridão

Tudo isso explode
 Tudo isso invade
 Um alheio coração
 Uma inocente solidão

Tesouros descobertos no rancor do vaivém de elevadores
 Políticos esdrúxulos anciãos escravocratas e revistas de quadrinhos
 Bacanais em pobres mesas estouvados os alvares do amanhã
 Futuros brincalhões porque abastados de doença e vibriões
 Carneiros cobras e palhaços num patético aturdir de imposições
 Casamentos e orações resistentes às areias movediças das paixões
 Entreveros de alternância magnética e ferozes mutirões videológicos

É que o ser se cala
 Na amplitude do sofrer
 Mas a dor é fala
 De algum acontecer

Parecem tensões os escrúpulos de seres cavernosos e sedentos
 Linhas que se partem nos vis antecedentes filosóficos
 Pequenos arranhões no céu da noite de um pretense renascer
 E lá se vai mais um país cair nas trevas de um poço reluzente
 Como se dormem imunes os abnegados viventes do planeta?
 Sementes nascem podres adubadas que são por incoerências
 Ao redor estão as mídias poderosas e o marketing do perdão

Mas liga não, terror
 Até o mar se assusta
 Pois a briga é justa
 Mesmo sem sabor

Devendo estou devendo ficarei nas migalhas de um trabalho solitário
 Os amigos da carência aparecem em outras terras já distantes
 As páginas da vida se comportam como ruas sem saída
 Reviradas pelos ratos à procura de um lixo valioso e momentâneo
 Morrem os respaldos e também os tagarelas de um mundo desconexo
 A razão e a moral jamais se entendem neste carma universal
 Criação de um melômano rotundo e por si mesmo já de todo ilusório

Aqui termina o acaso
 O lar que já desmoronou
 Além de tudo o tiro erra
 E o mortal arrefeceu

Pingentes dos trens perdidos e passageiros de lotados aviões desesperados
 Decalques do vivo anoitecer das sensações no abandono da ironia
 Obscenos e ariscos torreões de sapiência tão inócua
 Esmaecem as teorias no final de mundo alardeado nos verões
 Desnorteados versos moribundos de verdades escondidas
 Nas incrédulas poesias que agachadas têm o tique da incerteza
 A limpeza das estátuas não garante o bem-estar das emoções

O ardil enfim se vê
 Um teor de sal e mel
 Em tudo aquilo que se crê
 Há um pedaço escrito de papel

O descompasso agonizante de um mundo em chamas e arquejante
 As noites são mais longas na insônia desperta das mazelas aflitivas
 É tudo uma procura da revelação que não transcende o porquê do mais profundo
 Uma espera angustiante e tão antiga da possível salvação
 Um desespero de não ter o que fazer na loucura de um outro acordar
 São as buscas e as pesquisas e os amores e o trabalho enojado
 Em resumo a podridão daquela angústia já famosa do existir

Já que não há metafísica
 Na dor insaciável
 Nem nada de narcísico
 No acabar recomeçável

Ah quem me dera uivar um grito de negro de abrangência mundial
 Gritar rasgando os céus e anunciar o fim de tudo que é mortal
 Surge um panfleto convocando as mentes aptas os guerreiros e os braços
 Para o velório deste tempo já esgotado e que insiste em reviver
 Ah se alguém pudesse reunir as loucas corjas de ladrões e mentecaptos
 Pra fazer não sei o quê, mas que algo se fizesse de viável ou execrável
 Ainda que tudo não passasse de uma alegria pseudocomparável de um momento literário

Não, o fim não chega
 E não há quem veja
 As rimas escuras
 Das coisas puras

Os amores ideais fraquejam perante medos irrecuperáveis e plangentes
 E os nomes e os verbos já cansaram de dizer os holocaustos
 Os invernos e as cascas complementam dissabores renovados de esperança
 No calor aperta o frio da procura incansável do algoz da solidão
 E la nave va para a puta que pariu filosofias de garrafa
 Sobra unicamente um andante triste e belo de um mozart esquecido
 Nas agruras de uma vida já caduca por estilo e mera definição

A música jamais morrerá
 O alento da existência
 A poesia em tudo estará
 O antídoto à sonolência

Disfarçados estão cavaleiros isolados em lugares comuns ofuscados
 Por luzes intensas que brilham o negro escutar das boleias
 Imperadores e cegos reúnem-se ao som do dinheiro encantado
 Em mais uma noite das mil que pretendem contar
 Aos infelizes desta terra e da outra e da outra também não escapam
 As certezas e as cãs já resvalam nos grandes temas diários
 E respostas, meu bem, só a fome e o sono e o banheiro e o sexo

Pois que é tudo autoestima
 Nas conversas de bar
 Um mundo esquisito e sem rima
 Nos cantos do olhar

Belos homens caminhando para a glória jornalística e malsã
 Lindas mulheres sedutoras e pilares de família e trabalho altruísta
 É o egoísmo dos homens presente na inverossimilhança das conquistas femininas
 Se é que o mundo das palavras ainda assusta o caos social
 Da rua os cachorros se riem de humanos ridículos e tão bem vestidos
 Parece que as chuvas cansaram-se de lavar os túmulos e os monumentos
 Somos deuses e prostitutas misturados em poções agrídoces

Por que o tal deus não se apieda
 Do mendigo e do samba-canção?
 Por que será que o ser humano
 Não entra em seu próprio canhão?

As asneiras idioticas nos jogos triviais de poderes e conquistas
 Julgamentos adiados e inocentes condenados já não são mais novidade
 Tudo já ganhou desenhos e afrescos e agora apodrece na sarjeta
 Os sábios mais modernos enveredam por caminhos variados
 Pensadores pós-modernos atolam-se em tentativas infrutíferas
 O mundo não mais permite tonitruantes avaliações pseudo-herméticas
 A vida já não aceita comparações eletrizantes desgastadas e capengas

O arrotto mundano se faz sentir
 É o ser humano a se comprimir
 Chega o anjo salvador
 Na figura do mago sedutor

Enquanto os netunos e plutões se deliciam com argêntas afrodites bronzeadas
 A civilização se entorta como as torres preconizando a destruição
 Os valores valem menos do que o que deveriam valer na entressafra
 Até porque as constantes relativas os detalhes e as cortes picarescas
 Se entulham num merengue subaquático e terrível em terra firme
 Pois que o mito não naufraga nas viagens de um povo alucinado de progresso

A vontade é dizer
 Tudo mais uma vez
 É matar a rês
 E não vender

Pelos caminhos do mundo transitam as linhas tortas e negras do papel
 Nas efemérides internas plasmam-se as imagens derrotadas da poesia
 O aluguel das horas vagas incita o claudicante menestrel das avarias
 Trovadores e arlequins marias e atrizes configuram um enorme burburinho
 Os hotéis as praias as ruas e as estrelas não encontram plausível definição
 Mesclam-se na agonia da existência o repetir e o explicar das coisas que não são
 Androides pairam sobre os ares já cansados das cidades supercheias

Terrível a queda do avião
 Honesto o homem do portão
 Que pena acabou essa novela
 Não me diga que ele já casou com ela!

São pequenos detalhes repetidos nos rostos alegres e tristes da retumbante multidão
 Hinos em miniatura de viagens interplanetárias e espaços no fogão
 O que mais dizer de pensamentos inseguros que se apoiam no tesão
 Reflexões de pau a pique de um pôr do sol horrendo e sujo
 Abacates uvas e melões de um chá ameno e pio
 Entre as turbas insensatas que hoje proliferam em armazéns
 Boates decadentes de lisuras profecias e mulheres bem vestidas

Só falta mesmo terminar
 Além do que já é bem tarde
 Mas o pensar puxa o falar
 E o amanhã vence o covarde

Pra que cantar as doenças psicossomáticas de uma tal sociedade?
 Por que contar as infrequências do amor e a inconstância de uma tal fidelidade?
 As respostas vão nos ventos, ainda, de figuras mitológicas
 E o devir tecnocrata toma conta de espaços arrítmicos e marítimos
 Onde o ontem relatou entediado as tendências a voar do avião
 Hoje somos uma patente incógnita de séculos e séculos de análise
 Até a poesia tornar-se um mecanismo de explosão interior

E por falar em poesia
 Em perguntas e agonia
 Diga o leitor então
 Por favor que horas são.

Rio, 1992.

CURTA-METRAGEM

Terror e amor
 Uma rima inefável
 Perdão e paixão
 Um par inigualável.

Em tudo há não
 O mais é sim
 A dor do então
 Vem no por fim.

Dentro de uma imensa avalanche
 Há um nó
 No encontro de pessoas e palavras
 Há o só.

Que bela menina o senhor tem nos braços
 Que ardor miserável preenche os espaços
 O dia se esgota cansado no escuro
 A mente começa a olhar sobre o muro.

É carnaval
 De ilusão e metal
 É um remédio
 Aparente e fatal.

Atropelado profissão esperança
 Condenado sem nenhuma tardança
 Morto em meio ao tiroteio bancário
 Um detalhe da vida, um sumário.

Não me acometa durante a noite
 O excesso de gentileza
 Amor vira de lado
 E me dá a sobremesa.

Demais o cinema
 Um certo pastiche
 Porque nosso lema
 É morrer no boliche.

O mar
 O céu
 A vida
 Ao léu
 O ser
 Cruel
 Em tudo
 O véu.

E pau no sistema
 Que o bom é falar
 No fim um poema
 Para engambelar.

Falo
 Falo
 Falo
 E falo
 Depois
 Me abalo
 Aí
 Falo
 Falo
 Falo
 E falo
 Depois
 Eu me calo.

Matilde me traz
 A meia de cor
 Vá indo na frente
 Vai lá, por favor.

WAITING FOR A FRIEND

I have the key
But I can't see the door
I got the meaning
But I can't find the for
This is my karma
Though I might ignore
Heaven is far
Though I can't stand much more
God is decrepit
And pain's got it to the core
I don't know much
But I've never been so sore
Tears are ridiculous
And love has died long before
This is my life
But I'm not me anymore.

Rio, 1992.

Copyright

À GUISA DE EPITÁFIO

Trabalho para minha morte
Pois eu sei que ela virá cedo
Deixo coisas pensadas
Epifanias em segredo
Teorias amedrontadas
Simplicismos complicados
Divagando num abstrato acontecer
Resistindo a tão temático viver
Não sei, as palavras vêm e vão
Como a luz de um trovão
Recuso-me a perceber a existência
Privilégios de não ter eficiência
As lutas encarei-as todas
As fugas eu tomei algumas
Num balanço eclesiástico
Comportei-me avesso à vida
Mas também não sucumbi
A qualquer ferida
Trabalho pela minha morte
Pois eu sei que ela será sofrida
E sei também que não será sentida
Deixo observações
Deixo loucas impressões
Deixo ainda em boa-fé
Grande vontade e tentativa
Dei aquilo que não tive
E fui aquilo que não era
Para ver se seduzia
A dos outros minha espera
Dormi cedo, acordei tarde
Perdi a hora e planejei
Eu roubei e aprontei
Eu fui réu e eu matei
As confissões são mais bonitas
Em canções do coração
Onde as palavras têm sentido
De tecer uma oração
Mas assim tão de repente
De improviso e supetão
É difícil de lembrar
Tantas memórias de paixão
Trabalho com a minha morte
Pois eu sei que ela será um marco
A metade do caminho
O terceiro ou quarto espinho
Minha vida foi de perdas
De sofrer e frustração
Por sentir o tom divino
Em meu nobre vir-a-ser
Recolhi-me à minha concha

E vivi grande ilusão
Tive chances e mais chances
Acordei tarde e as perdi
Muitas vezes não vi o sentimento
De ser mais no querer menos
Enfim, fui um tolo às avessas
E um nobre empobrecido
Pelas manhas, pelas rusgas
Pelos tapas, pelos vinhos
Igualei-me a todo ser
Seja grande ou pequeno
E aí talvez esteja a vantagem sobre mim
Ousei de perto acontecer
Junto ao inferno e purgatório
Dividi-me no ajudar
Ignorei o padecer
Fiz de tudo e não fiz nada
Vi o hoje anoitecer
Mas vi também amanheceres
De flores e aromas infantis
Cresci pouco, é bem verdade
E não posso reclamar de um sofrimento exagerado
Não senti de perto a ira, nem a falta de alimento
E por isso desespero
Poderia ter usado a vida
Para passar à outra vida
De mãos cheias, realizado
Prolífico e prenhe de ações
Mas por querer ser o que jamais seria
E tão confiante eu me sentia
Vivi atormentado
Uma vida amena em plena azia do espírito
Sonhador, perscrutador, acusador
Crítico e afável no interesse
Manipulei as minhas massas
Vituperei e destruí
Construí pouco e muito fiz
Para meu próprio desprazer
As teorias foram meu maior legado em vida
Um patrimônio enorme e muito desperdiçado
Fui o mestre incansável
Que se cansou com seu lazer
Fui o incrível anonimato
De quem nasceu para vencer
Mas talvez meu grande trunfo
Tenha sido procurar
A pesquisa me empolgou
E o verbo me tomou
Não posso dizer que morro triste
Morro, sim, decepcionado
Fui acaso, fui destino, fui valia e esmola
Fui no corpo um eterno insatisfeito

Relaxado, desleixado,
Sucumbi a mil prazeres
E pelas fotos de uma vida mal vivida
Constato agora que poderia ter sido bem melhor
Talvez irrite os leitores
Um mea-culpa tão imenso e inócuo
Reconhecer que as tragédias eu causei
Que me fazer desesperado eu me deixei
Mas deixo isto, como tudo o mais que deixo,
Para os jovens que vierem a seguir
Deixo talheres sobre a mesa já bem posta
Cuja comida eu deixei pela metade
Deixo mulheres e amigos pelos cantos
Que, é certo, suspirarão a minha morte
Um suspiro de alívio
A lembrança em meio ao chope
Um caso mais fugaz ou picaresco
No fundo a dívida que se paga à lembrança
Que não se teve na vida do partido
Nasci estrela e impelido a brilhar
Morri sozinho e fadado a me ofuscar
Com o sucesso que não tive porque quis
Ser de mim mesmo o eterno aprendiz
Olhei o mundo e vi tudo que quis ver
Só me esqueci de ver o rio a correr
Vivi nos outros o que em mim não conseguia
Morri em vida, pois de tudo eu sabia
Perfeccionismo, julgamento, liberalismo
Decadência, insatisfação e ostracismo
Trabalho após a minha morte
Pois sei que ela me dará à luz
Para o mundo que deixei tão consciente
Com o trabalho que criei tão insolente
Fui uma criança com os poderes de um deus
Fui um crente acreditando ser ateu
Despejei o meu próprio inconsciente
Em poemas de matizes variados
Derramei o meu futuro em ilusões
Imaginei a realidade em abstrações
Leiloei o meu orgulho a preço baixo
Prostituto de meu próprio narcisismo
Morri na vida de um ser alienado
Vivi a morte de um ser atormentado
Trabalho para além da minha morte
Pois sei que ela não me pode esperar
Deixo estas linhas de sincera incongruência
Arrepentido da profunda incompetência
Nasci, vivi e morri
Como os outros
Meu legado é só meu modo de pensar
Diferente, inerente ao meu pesar

Pelo menos que ao menos um alguém
Possa ver que outro alguém
Pensou um dia assim também.

Rio, 1992.

Copyright

SOLENE ADORMECIDA

Enquanto dormes
Eu te olho.
Mais nada.

E penso.
No que foi,
No que será,
No que,
Enfim,
Acontecerá.

Tens a boca doce
E gostas de beijar
És o beija-flor
A bicar o doce afago
De meu sorriso para ti
O tempo nem ousa passar
Com medo de nos apressar
E no contato mais molhado
Somos a procura um do outro
No emaranhado dos cabelos
Nos detalhes dos meneios
Sucedendo-se despercebidos
É o medo do amanhã
Que se passou feito um relance
De me separar de ti
De se acabar esse tão transe
De te sonhar sem teu alcance
Na penumbra do quarto
As horas me olham,
Lentas,
Felizes e insones
Não sei se te acordo
Pra dizer que te amo
Ou se te durmo comigo
Enroscando-me
Assim como num ramo
Mas são tudo divagações de amor
De pós-amor
Um romance entre nós dois
A felicidade com um pingo de temor
A entrega do agora
Na indulgência do depois.

Já tenho sono
Cansei de te olhar
Em teu abandono
Sem te abraçar.

São versos curtos
Porque a felicidade é uma linha infinita
Composta de momentos reluzentes
Assim como a curva de teu rosto
Que termina no som do oboé melancólico
Para continuar no prazer deste te versificar bucólico
E também
Minha mão se acostumou
A te acariciar em versos curtos
Ritmados, rimados e ocultos
Calculados para te agradar
As palavras estudadas,
Todas elas elaboradas,
O chegar junto ao mesmo lugar
São versos curtos
Como curtas são as noites
Que me ponho a copiar
O que inspira esse teu corpo
Aos olhos febris de te escutar.

Andamos por paragens desconhecidas
Erramos por estradas esquecidas
E felizmente para nós
Acabamos no lugar-comum
Das viagens prometidas
No mar tranquilo
Das promessas ressarcidas.

Não sei se te amo
Ou se tudo é um engano
Mas quero te aquecer
Na saudade que me traz
O teu prazer.

Parece que as palavras,
 Já diziam outros amantes,
 Se repetem na distância infinita dos porquês
 Sem dizer dos sentimentos
 A mais leve sombra de verdade
 É que o amor transcende a própria vida
 É do ser a mais ambígua liberdade
 E nas filosofias de bibliotecas poeirentas
 Ou nos dizeres do mais tolo dos poetas
 Não se encontram os encômios
 Apropriados dos estetas
 Sentir emanar do ser de afeto
 O cheiro reconfortante das sensações de prazer
 É nadar num rio caudaloso
 De onde afloram botes salva-vidas
 É ter toda a coragem do mundo
 Para enfrentar altos moinhos
 Com as mãos desarmadas
 E cheias de carinhos.

I'm in pain
 Since I don't know when
 I don't know what to do
 Again
 If I leave you
 I'll kill a part of me
 If I keep you
 I'll lose the rest
 Maybe.

O amor é feito de altos e baixos
 Sua essência é entre vamos e achos
 Feliz de quem ama
 E deixa de amar
 Cujo coração inflama
 E põe-se a gritar
 A poesia universal
 Ou seja
 A choradeira eterna dos poetas
 Covardes o bastante
 Na comiseração
 Na intuição
 Na prostração
 Na sub-reptícia frustração
 No esconderijo da pena
 A falsear
 A dor de amor
 Seja de que espécie for
 A falta

O detalhe
 O excesso
 O encalhe
 Traição
 O descuido
 O horário
 O agrião
 O tipo
 A calcinha
 A importuna
 Camisinha
 O porquê
 O porém
 As muitas vírgulas
 O amém
 O depois
 Toda a pressa
 O abandono
 E mais essa!
 The long and winding night
 The dark the blue and the white
 A dor universal
 A busca essencial
 O medo da paixão
 O abominável não
 Tudo inclui a solidão
 A vida do verso reluz na morte do amor
 O gosto da vida se exalta
 No desespero do ator
 Mas quem não ama
 Não conhece
 Os prazeres da carne
 Que deságuam nos da alma
 E passa distante
 Alma penada
 Existência tão pesada
 Da necessidade
 Da crueldade
 Masoquista e professora existência
 Do contato espiritual
 Aleatório e esotérico
 Sentimento mais etérico
 Ora,
 E essa agora!

Anoiteceu o gozo maior
 Agora só verás a sedução
 Estou fechado pro pecado
 E liberado pro tesão.

Afinal o que se espera da vida
É um mero satisfazer da libido
É atinar com a esfera proibida
Aturar o calor arrefecido
Já que a vida passa
É a lembrança da vivência,
Os espinhos e as rosas,
A adornar a consciência.

A grande dádiva do ser humano
É sentir o impacto dos momentos
Vibrar no azul das maravilhas anímicas
Rever o arrebol das fantasias rítmicas
Chorar quando o tempo é escuro
Sorrir quando se quebra o muro
Tremor de prazer
Sentir o arrepio de um gozo que pode ser o maior
Ouvir a ilusão de estar sob o seu jugo melhor
E depois de tudo
Pensar
Refletir
Ser sempre fiel à traição do pensamento
Abarcar com a mente todos os tipos de coisa
E pensar, sempre pensar
Colocar nos arquivos da memória
Os dados mais recentes de uma vida infinita
Que recobra a energia após cada percalço
Misturando as alegrias do trabalho
Com as memórias do pé descalço
Enfim
O belo da vida
É pensar com as palavras
Escrever as emoções
Uma cascata de perdões
Ou mesmo
Os senões e os aviões
Um coração partido
Um emprego perdido
Um amor sumido
Aquele gozo intido
Tudo são raios no sol do poeta
Que exalta e menospreza
Que refuta e inveja
A confissão reconfortante da poesia
Se em contato com as esferas mais lúcidas do planeta
Envelhece os leitores mais avessos
Pelas verdades que lhe aprumam os sentimentos
O ser precisa de mais poesia
No seu famoso e irritado dia a dia
Morrer, chorar, sorrir, ouvir
Viver nas letras do papel

O partir, o chegar, seja lá o que for
 Feliz da mente que vicaria
 Nos desenhos absurdos de um verso mais esdrúxulo
 O tempo é relativo nas páginas versadas
 E mesmo quando não se consegue expressar
 O de mais íntimo da alma indócil de uma pena
 É maior o efeito de uma tentativa em vão
 Como do parceiro de que se tenta extrair o tesão
 Que não se cansem os poetas
 De chorar amores partidos
 Mesmo nas tardes mortas de domingo
 Quando brincam as crianças
 Quando piam mais cansados os passarinhos
 Quando se ligam as malditas televisões
 Quando se alienam os mais pobres de intelecto
 Na partida ou no auditório dos porões da existência
 Ainda que haja crise
 Ou como disse outrem, hemoptise
 Haverá sempre alguém atento
 Para exalar um último alento
 Em prol do pintar das emoções
 Para todos os sabores e opções
 A palheta de quem pensa não tem fim
 Vai do negro tropejar ao ar puro do jasmim
 As letras bem dispostas do respirar do coração
 Excitam mais e mais os nervos recolhidos de paixão
 Pois que nervos os há
 Mesmo em meio às fantasias econômico-religiosas
 Mesmo no seio das nações adormecidas
 Pelo poder anestésico da conquista cibernética
 O mundo não perdeu o charme dos piratas
 Ainda existe bem guardado
 Algum suspiro mais espesso de carinho
 E é por isso que o poeta do domingo
 Não resiste a escrever mais um pouquinho.

Mesmo que sejam inverdades
 Ainda que se formem confissões
 Pode até ser uma grande frustração
 Mas fique tudo pelo registro
 Intocável e irrepreensível da emoção.

O mar chegou à porta
 O deus morreu
 A paixão está morta
 A rima retrocedeu

De permeio
No esteio virginal
Pintura extrema-unção
Capítulo mil inicial.

Rio, 1992.

Copyright

Te lembrarás de mim
Em dois momentos
Quando achares um grande amor
E quando ele se for.

Rio, 1992.

Copyright

O HOMEM QUE ACHAVA

– Pela última vez, ou você tem certeza ou vai embora. Aqui não se acha nada. Ou é pau ou é pedra.

Pausa.

– E então...

Pausa.

– Olha, o senhor me desculpe, mas eu não posso ter certeza disso. Eu não vi. Eu acho que ela falou que ia ao médico, mas eu não sei, não ouvi diretamente dela. O senhor entende?

– Não entendo porra nenhuma. Olha, é a tua última chance. Da próxima é rua. Deu pra entender?

– É, eu acho que sim...

– O quê?! Escura, cara, cê tá me fazendo de palhaço? Entendeu ou não?

– Acho que sim, vamos ver...

– Rua!! Dona Marlene, venha até aqui.

Pausa.

– Dona Marlene, providencie as contas do Sr. Puzzi, aqui. E libere do aviso prévio. Ele que vá achar alguma coisa em outro lugar. Aqui esgotou o saco. Eu *acho*!!

– Sim, senhor.

Era a culminância de meses de brigas e desentendimentos. Todos no escritório já tinham tido algum tipo de entrevista com o Puzzi. O homem só achava. Nunca dizia nada de positivo. Era eu acho pra cá, eu acho pra lá... A secretária tinha pena dele; achava que era um homem carente, desprezado pelas mulheres. Por isso era fraco, inseguro. Até os boys caçoavam dele:

– E aí, Puzzi? A cliente tava olhando pra você. Cê *acha* que ela tava a fim?

– E se tivesse? Eu *acho* que ele é brocha.

E a gargalhada geral. O Puzzi não se incomodava, por alguma estranha razão que ninguém entendia. Um dia, foram comemorar o aniversário do Américo e, por insistência de Dona Marlene, chamaram o Puzzi. Ele aceitou, para espanto e desespero de todos. No bar, a surpresa: ele até era falador, contava piadas sem graça e poder-se-ia dizer que tentava agradar. Mas era um zero à esquerda, isso era pacífico. Neste mesmo dia do aniversário, na hora de pagar a conta ele disse:

– Acho que não tenho dinheiro; deixa eu ver.

O Américo cochichou para o diretor:

– Quem é que trouxe esse cara, hein?

– A caridosa, Dona Marlene, é claro – respondeu o diretor.

– É? Tá dando pra ele também?

Sorrisos cúmplices.

– Não, *acho* que não. Ela *acha* que ele é viado...

E o maldito do homem sempre achava. Uma ocasião, um cliente preferencial entrou querendo falar com o diretor a respeito da compra de um equipamento. Já estava tudo acertado. Coisa de milhares de dólares, algo assim. O Puzzi atendeu o cliente, que perguntou:

– O diretor está?

– Acho que sim.

– Pode ver pra mim? Diga que é o Silva; é sobre o equipamento de solda. Ele já sabe.

Puzzi interfonou o diretor, que, ao reconhecer sua voz, esbravejou:

– Agora não posso!

Como não havia mais ninguém no escritório, por ser hora do almoço, Puzzi comunicou ao cliente:

– Acho que ele tá ocupado.

– Meu amigo, eu preciso resolver isso agora. Insiste.

– Acho que não vai dar. Acho que ele tá ocupado.

O cliente saiu resmungando algo incompreensível. Quando o diretor soube do ocorrido, já perdera o negócio. Queria despedir o Puzzi, que, aliás, não se manifestou a respeito. Aguardou estoicamente a decisão gerencial, que foi totalmente influenciada por Dona Marlene:

- Tinho, foi você que não quis falar com ele.
- Mas ele não disse que era o Silva. Um lance de quatro mil dólares. Num mês falido, porra!
- Ele não tem obrigação de saber. Ele chamou, você não atendeu. Ponto. Não é justo. Vai, Tinho, dá uma chance.
- Olha, só por tua causa. Mas da próxima, eu *acho* que nem você salva ele.

Até que um dia acabou demitido, como já sabemos.

Dona Marlene teve pena, como sempre. Américo deu graças a Deus. Os boys brincaram um pouco, mas no fundo sentiram a falta. Só o diretor demorou a se livrar da culpa. Afinal o Puzzi poderia ser meio doente mental e ele não lhe dera uma chance a mais. Pobre coitado. E não era mau empregado. Mas não houve alternativa. E ainda por cima ironizou em cima dele. Pensou: “Esquece. Não tinha jeito. É um caso perdido.”

Um dia souberam que o Puzzi estava no hospital, atropelado que fora na véspera de Natal. Muito mal: perfuração de vísceras, poucas chances de vida. Dona Marlene já o tinha ido ver e lamentara:

- Sei não, acho que dessa não escapa.
- E um dos boys, que fora com ela:
- É, acho difícil.

Dois dias depois, o diretor chamou Dona Marlene a sua sala:

- Lene, queria te pedir um conselho. O que é que você acha de eu ir ver o Puzzi?
- Acho ótimo! No fundo ele vai ficar contente.
- Será? Eu acho que ele deve me odiar...
- Que nada! Essa gente não odeia ninguém...
- É, tá bom. Acho que vou amanhã, depois do almoço. Quer ir comigo? A gente almoça junto e vai direto.
- E sorrindo malicioso –, Acho que a gente nem precisa voltar pra cá, né?...

Puzzi estava mal. O diretor passou maus pedaços para aguentar até o fim da visita. Detestava hospitais; e ver aquele sujeito deitado ali, todo imobilizado, sem perspectivas... E tinha-lhe negado o emprego. Que sentimento de culpa! Pobre Puzzi. No fundo, talvez não fosse má pessoa. O médico de plantão já os desenganara na entrada. Era questão de dias, semanas na melhor das hipóteses. Um caso perdido. Uma pena.

Na despedida, Dona Marlene deu-lhe um beijo no rosto e o diretor disse que voltaria para vê-lo na próxima semana. Se precisasse de alguma coisa, era só chamar. Ainda tinha o número?

- Acho que não.

Dona Marlene e o diretor se entreolharam. Disse então o diretor:

- Bom, então a gente deixa o cartão com a enfermeira. E a gente volta outra vez semana que vem, tá?
- Não precisa não. Acho que vou morrer amanhã à noite.

Só Dona Marlene foi ao enterro. O diretor tinha uma reunião importante numa multinacional, “e além disso”, falou para Dona Marlene, “acho que não me sentiria muito bem”.

Rio, 1992.

IMAGENS

Eram três da manhã
Quando o sol se pôs
Na vida da mulher
Que dormia solta nos atalhos do tempo
O seu ar fugiu
Como da terra o peixe
Como do azul a nuvem
Nem um suspiro mais forte
Nem uma guinada ao norte
Seu navio já atracara em águas mansas
Seu olhar já se trancara às dimensões
Temporais
Espaciais
Carnais
E mortais
Mortais
O vento da alma sopra agora em outras veias
O silêncio já se faz onipresente
O seu quarto já trocou de habitante
O eco que chega ao fim do poço
E reverbera sem endosso
A mulher já não é mais
O seu tempo jaz atrás
O seu corpo foi paixão e emoção
E com sorte será uma recordação
A rima do eterno prosseguir
A questão do se voltar e do não ir.

O primeiro acorde da manhã
O pavor se transformando em gosto amargo
A professora
Uma imagem de jardim
O papel
Um espinho no jasmim
Que vontade de chorar
Desistir
Largar o mundo
E fugir
Pra onde é pergunta irrespondida
E essa merda desse lápis que não escreve
A mãe
O pai
A tia e a avó
O beijo
A tv
O cochicho e o dó
O suor já cai salgado
Respingando o pergaminho amarfanhado
Molangueiro
Se estudasses tu sabias
E em ecos passa o tempo em tremores
A esperança é descrença nos senhores
O fim, o desejo do começo
O medo, do ensino e do tropeço.

Copyright

A menina chora
Com a demora
Aflita com o desejo que não para
Isso então
É que é conflito!
Desejar e não querer
Apertar distanciando
Às vezes dá vontade de parar
A dor já é lembrança esquecida
Que retorna imprevisível e ardida
E se ele só quiser se arranjar?
É um risco minha filha,
Vai com calma
Que nada, vê se deixa de ser boba
Não é o fim do mundo
Ecos soltos
De novo
Um dia a casa cai
E esse gostoso entra e sai
A perna arrepiada
As palavras sussurradas no ouvido
Paixões adolescentes
Frasas tímidas arriscadas
Na concupiscente insegurança das poucas primaveras
E um afã mais agitado
Estremecer, tirar o chão
Será que foi?
Será que é isso?
Mas é tão rápido
E as lágrimas
O susto do rapaz
O prazer que é tão fugaz
A decepção com o vazio
A expectativa meio frustrada
Há um cansaço nervoso e inédito no ar
O que foi,
O que não foi,
Despontar de vibrações desconhecidas
Conversas novas de idades aturdidas
De um lado mais um item
Numa lista ainda insossa
De outro o atarantado,
Tosco início de uma moça.

E por que não somos mais
Os amantes de outrora?
Tantos sonhos tão sonhados...
Tantos prantos mal lavados...
É o tempo, é a mudança
Um não sei quê de rotineiro
É melhor que seja assim
Que se acabe antes do fim
No centro do quarto a cena patética
O desespero consumido no fato irreversível
O irremediável retorno ao que não existe mais
A negação da impotência
Em mais uma tentativa
Sugestões estapafúrdias
Um choro, um eco de conforto
A sensação de algo morto
No destino incerto do tatear novas escuridões
A resposta é implacável
Desvontade de um novocomeçar
A tv pode ficar, o cd pode levar
O menino encaixado num programa semanal
Por dentro a sensação do arrepio que não sai
Por fora o desgosto de um imã que não atrai.

Copyright

E tudo não passava de uma simples diferença
Em meio a homens normais
E mulheres normais
A preferência dos amores
Um fato contestado
Um viver do outro lado
O que mais doía
O que mais ardia
A tristeza
Pela qual sofria
Maior que a disputa da política
Pior que o acinte da inflação
Era a forte, insana
Incompreensão
Em meio aos ecos de uma escolha inescolhida
A preferência, uma imagem descabida
Quando o ser vive em tormento
O amigo é de outra sorte
Ou é por pena, ou interesses
Desencargo, ou um desses
A democracia do corpo
Não passa de ilusão
O que à mente mais excita
Se confunde com a paixão
Devolver ao mundo o que dele recebe
Tolerar o amargo da separação
Para uns a vida de normalidade
Para outros a perda da individualidade.

Nas pernas a tremura insone
Nas mãos uma frieza grave
No íntimo a pergunta séria
No ventre a já não-matéria
Ecos de pensares enpassantes pela mente
Morbidez, assassinato, incerteza e amargura
E no fundo a certeza de ter feito o melhor
Contestada pela fala de um mundo bem maior
Egoísmo, insensatez
Inconsequência, rapidez
De repente um sentimento maternal
Uma lágrima
Um choro convulsivo
A risada
E por fim o andar altivo
Outros ecos que perseguem
Outras fúrias que aparecem
O carma, o deus, a mãe, o pecado
O castigo, o suplício, a vida, o inferno
Conviver com o ato feito
A irreversível decisão
No antes a indecisão de o que fazer
No depois o não poder retroceder
A culpa
O destino
Do ser
Mas a vida continua
E também o amor murchou
O dinheiro já não dava
Quando o dia se acabou
No peito um chorar esquivo
Nos olhos um perdão cativo
Nos pés o suor gelado
No mais o cheiro abafado
E quem é o dono da verdade?
A revolta
O pesar
E de novo um cataclisma emocional
Por isso o dilema factual
O gozado é o peso estranho
A sensação de desconforto
Os tecidos doloridos entre as pernas
A vontade de jamais voltar a amar
O sexo, a bíblia, o desejo
A paixão, pura e atroz necessidade
No andar a insegurança do alívio
No pensar um sentimento arredo
Em torrentes vêm todos os estereótipos
Os medos, frustrações e desafetos
Alegrias, perdições
E a contundente, mais humana reação
O ser se basta na própria constatação.

Ir ou não ir
O drama do amor
O dilema do sexo
O telefone toca
O idílio do agir proibido
Um trem de ilusões
A libidinagem
A pseudorresistência
A eterna, infindável reticência
Do pedido, rugido
Apavorante milagre que eriça os pelos
E os cabelos
Um encontro amigável
A dúvida ainda outra vez
Os ecos do interior
Vagidos, ruídos, gritos contidos
A paixão momentânea
Que precede a aversão sucedânea
Os sentimentos misturam-se em lutas mortais
Os membros separam-se em sucos banais
E de volta o vazio
Igual ao estio
De antes
Respostas tonitruantes
Titã que é o cérebro
A pedir, a aceitar, a querer, a tentar olvidar
Carícias que retomam a solidão
Do quarto no escuro
Lembranças de o que dizer
O que fazer
Agora
Que tudo está feito
Agora
Que pode ser certo
O que não é direito
Enquanto azucrina
A mente pedinte
De resposta, de razão
O mundo inteiro repete
O aquilo de então
Essa mente viaja a outro continente
Onde não há espaço nem sequência
Onde o silêncio é eloquência
Por que é tudo tão difícil
Por que é que tudo tem nome
Onde o ser tem mais fome?
Houve o desastre
Feito com arte
E de novo despenca a cachoeira
Dos ecos, das mãos, dos perfumes embriões
Os dedos apertam patéticos
Irreais e longínquas sensações

A vontade de mais calma na outra vez
O maciço impacto do talvez
O ar do em torno é pesado
Como forte é o mal-estar
O coração, aliás, é bem mais leve
No assanhado ruminar desses momentos
Foi tudo um sonho
Amanhã é mais fácil negar
Mas o corpo irrequieta-se esperto
Na distante possibilidade
De um quem sabe recomeçar
O corpo, este corpo agradecido
Às vezes mais maldoso
Outras tão gostoso
Pois o corpo é mais lúdico
Quando a mente se deixa levar
Quando as pernas vão a arrastar
Todo o momento em direção ao desejo
E os porquês se dissolvem no ensejo.

Copyright

No meio da noite
O motor que passa
Gemendo, arrastado, seco e danado
Na esquina a espera
As mãos mais molhadas que o corpo
A música distante
Lembra a mulher que não teve
E o dinheiro
E os filhos
E o trabalho
E o atrapalho do início
Um cansaço arrependido se espalha
A parede e o olhar para cima
O cano gelado chega a ser confortante
Só a espera é um tanto irritante
Nos pingos chegam os ecos
Do passado presente
Do futuro insistente
E finalmente
O ganho fácil, covarde, que chega
A raiva, mais formal que precisa
O riso dos tostões conquistados
A imagem de piratas malvados
Mulheres dançando, vinho bacante
E a fuga para um lugar estranho
A nota obtida
Fica no enxerto da saia caída
O alívio da besta
A ilusão de um momento de amor
Apagando os desenhos de uma eterna dor
Interior
Que nem Deus e nem Freud
Podem aquilatar
A sociologia impotente
O pensador reticente
Não são páreos para a fome e a preguiça
Nem para o dia em que a moral se enguiça
De fato nada de novo na noite
De fato só uma certeza de fato
O nada é uma mistura inconsequente,
Incoerente,
Do tudo
A vida é um longo porém,
Muito aquém,
No hálito sangrento do luto
Tirar é tão fácil
Matar, um detalhe
Amar se resume num traçado de pinga e mentiras
Difícil é tapar de manhã
Os vazios da vida malsã

Que sempre começa
E pior
Recomeça
Aparentemente sem ter muita pressa.

Copyright

Os joelhos da moça
A coxa e os seios
O rosto de fada
Transmutado em estertor
Da morte hedionda
Nas torturas coniventes do sexo
Fescenino, cobiça do ser-objeto
Fantasia idílica de um lindo projeto
Os olhares se cruzam
Um átimo eterno
Ela não percebeu
Mas o membro cresceu
E descem os montes amazonas nuas em cavalos velozes
E câmara corta para um festivo ambiente de dança
Os joelhos da moça roçando a breves intervalos os seus
As coxas nas coxas, o seio pontudo espetando o desejo inviável
Um sonho impossível
Magistério invisível
Parece que a sala toda recende
A relação que não é mais matemática
O x do y na penumbra temática
São ecos de uma aula misteriosa
Com matizes de uma pupila dengosa
Os joelhos da moça voltam a ser o que são
As coxas amontoados de carne
Os seios uma cultura sincrética
Que subsiste no contorno da renda
Excitante de novo
No eterno recomeçar de um beijo indelével
Que se transforma num monstro ciumento
A desnudar o rosto de fada
E penetrar a boca safada
De novo os ecos
As divagações
Os olhares se cruzam uma última vez
Felizmente mudos e incompreensíveis
A sala já não é um bordel
Os rostos já não são de papel
São todos mentes em branco
Sujeitas ao controle central
Absortas na prova difícil
Alheias em meio ao dilúvio
Não há mais correntes sanguíneas
Tão prenhes de abstração
Só sonhos insones frustrados
Sem grande significação
A rotina da vida já volta
Ao normal
O humano da jaula se solta
Infernal
Isto é,
Animal.

Um medo enorme
E o sono que não dorme
O suor frio pelas faces jovens
A razão que não consegue se impor
O pequeno ser rebola na cama
O grito que não sai
Visões e arrepios e monstros carnívoros
Ladrões e polícia e bruxas e bichos horríveis
A mãe a dizer, o pai ameaça
Os amigos se riem
Risadas e gritos, um mar assombrado
Castelos com teias de aranha
Mulheres feias a dizer palavras caóticas
Os ecos da infância momentaneamente infeliz
Nem o brinquedo novo acalenta o ar apertado
Os olhos não abrem com medo do além
O medo de estar é maior que o medo de gritar
Coisas incompreensíveis
Berros internos inaudíveis
A mãe finalmente
E a luz
Acalento indolente
Sóis nus
É a rima que atifa o milagre
O carinho que afasta o alarde
Enquanto seu lobo não vem
A fuga e o consolo do amém.

Rio, 1992.

REFLEXÕES PITORESCAS DE JUNHO

E depois de tanto amor
 O fim
 E depois de tanta dor
 Festim
 O tiro louco de um morteiro a esmo
 A triste sina de não ser outro o mesmo
 Nos olhos da moça uma solidão disfarçável
 Na ponte da noite um quê de procura infundável
 O eterno vir-a-ser do amor
 Em meio a vãs filosofias
 E palavras de efeito
 Emoldurando frases de um pseudoarfar do coração
 Morto que foi o azo e o pó da comoção
 Fantasmas noturnos que perseguem a libido criativa do poeta
 Inoculando frases soltas nos rígidos sentidos do esteta
 Perdão
 Solidão
 Não me dizes
 Que vão
 Insensatas
 As cores
 Nem que são
 Impossíveis
 Amores

Temido porquê
 De raspão
 Rimando a cenoura
 E o pão
 O pião
 O timão
 Navegar
 Profissão

Navegar pela vida com sotaque português
 E acabar n'algum cais com meneio cortês
 E o Luiz que matou a Maria
 E o dinheiro que acaba num dia
 E a pinga que realça a alegria
 Num dilema prazer e azia

Tépidos vapores de carícias pontudas
 Pálidos castelos em encostas rochudas
 O odor da terebintina
 O senhor da salina
 A correr, a pular
 A criança, o sonhar

Pois em todo desastre há um helicóptero
 Ainda que se mate o cuneiforme coleóptero
 E morcegos bendizem o poente
 Cai o ramalhete de um noivo ardente

A vida no fundo são frases soltas que não fazem sentido
 Se únicas
 Como padres de um mosteiro de freiras na missa
 Sem túnicas
 O grande encargo das letras
 Abençoar a união das palavras
 Descobrimo o sentido da vida
 No dizer tão caótico do verso
 Que se arvora em ser uno e adverso
 Costurando o pensar vagabundo
 De uma selva mental oriundo

E há lembrança de uma bela mulher
 No meio-termo entre o garfo e a colher

Vênus sem peitos
 Monalissas fatais
 Ladrões escorreitos
 Prostitutas vestais

Já que é a poesia
 Uma promiscuidade fortuita
 De pingos e curvas
 Nas nuances abruptas

Desapontado ficou o amanhã
 Que não versejou todo o orgasmo do dia
 Aparições que já se vão à distância
 Constrições que dão lugar à ganância

vem no corredor
 uma figura de mulher
 de jovem, já mais perto
 de saias, curtas, verdes
 a flor de seus anos
 reflete o abismo dos santos
 ela cai
 se ajoelha
 e reza a um santo qualquer
 para que logo a faça mulher
 e chora as lágrimas de um homem
 o seu mito do eterno retorno
 levanta-se e cai-lhe um pássaro morto
 que grita e se esvai em anátema
 o eco do sangue é estridente
 o grito da jovem, pungente
 uma vírgula na primavera
 uma pústula na vã espera

O poema está por um fio
 Perdido em uma valsa sofrida
 Um vagar pelos becos escuros
 Aldeia que só tem a saída
 Do caos
 Do retalho
 Da palavra que chega primeiro
 Da cor do som do morteiro
 O dia clareia com clara de ovos no olhar
 Relendo a mortíca camada de sono ao redor
 A cidade exangue
 O gosto do manguê
 Um bolo de nojo e de podres ingredientes
 Um sexo azedo de fugas inexperientes

um cão se afaga no poste
 rosnando que está o seu monge
 um homem nu revoltado na praça
 o ano dois mil que não chega de graça
 o avestruz
 que reluz
 na cobrança de um alto recato
 a girafa da incongruência
 envidando os esforços devidos
 as coceiras e os dedos ardidos

Que já é madrugada
 Na noite dos tempos
 Que já é chegada
 A curva dos ventos

O mar já se jorra acolá
 Acabado o marujo está
 E o lobo enrustiu a donzela
 Quem diria! Acabou a novela.

Rio, 1992.

LAMPEJOS

ou

POR QUE NÃO ME DEIXARAM LER A BÍBLIA

(parte I)

Vim de muito longe
De onde não há vida
Onde não há alegria
E nem gente sofrida.

*

Detalhes são pensamentos passageiros
Mais do que ligeiros
Ofendem a regularidade
E interrompem a temporalidade
Por isso, detalhista,
Ignore-os da vista
Mas cuidado com a ruga
Que se impercebe em sua face.

*

Ocaso.
Rei morto.
Atraso.
Pé torto.
Descaso.
O sinal.
Um caso.
Normal.

E azeda
A fruta noturna
E por isso,
Soturna.

*

Chove.
E chove.
Mais chove.
E chove.
Chove bem.
Chove ainda.
Chove.

*

São curtas as risadas
E longas as ganâncias
São verdes as invejas
E rosas as fragrâncias.

*

E então fez-se o verso.

*

A inspiração desce em anéis de fumaça
Sem rima sem nada, só a pura graça
Penetra a alma e deflagra a batalha
Entre o ponto, o sentido, o banho e a toalha.

*

O que vale é usar a Terra
Que esta bela moldura encerra
No durante melhor que possível
Transformar o incerto em passível.

No alto da praia
No olho da arraia
No muito, no nada
No centro, no cada.

*

Como disse há delírio no ar
Esfuziantes trombetas de anúncio
Chega-se o rei à rainha
E o padre remenda a bainha
Em meio à ladainha
Poentes que são as delícias
Ouvintes que são as carícias
Em meio a todo esse ouro
O destino implacável
O verso inflável.

*

São imagens que se chegam à porta
E entram
E sentam
E contam
E choram
E até se demoram.
São imagens que nem param pra olhar.

*

A mulher invisível
E irresistível.

*

Pena que minhas palavras se percam
 Em meio a computadores
 E aplicações financeiras
 E homens e mulheres
 Sem a cor do pecado
 Da sensibilidade altaneira.

*

Sente-se um quê de recordação
 no intervalo poético da piscada de olho.

*

É tudo mais um momento
 Gracioso
 O beijo é um monumento
 Ocioso.

*

Em sexo me virei
 Sem nexo me tornei
 Até conhecer a Tereza
 E sentir a nossa certeza.

*

Do mato saiu um porco-espinho
 Sangrando com ar de safado
 Do céu desceu um espírito
 Potente mas já desusado
 Enquanto morrem donzelas
 As tais mulheres do lado.

*

Depois
 O depois.

*

Se por toda poesia que faço
 Ganhasse um tostão como paga
 Seria de médio padrão
 Se por toda poesia que penso
 Ao ver uma perna bonita
 Compraria ao sonho a mansão.

*

O sono a dois é melhor
Como também outras coisas.
O absurdo é muito pior.

*

Quero provar mil maçãs
E morrer excomungado
Quero acabar em pecado de morte
Mas viver completamente a minha sorte.

*

Que raiva da rima
Que me alucina
Quando vem pela insistência
Quando não pela ausência
Às vezes pela carência
E outras pela reticência.

*

Vagando entre os fantasmas da noite
Perdido escrevendo poesias...

*

Só mesmo o mar eloquente
Para deixar a menina ardente
Só mesmo um amor insolente
Para buscar a verdade abrangente.

No corpo
O tesão
E na mente
A vazão
No cheiro
A exaustão
No olhar
A paixão.

*

Perdido estou
Perdido ficarei
Com toda esta ganância
De ser poeta que da vida herdei.

*

Deus
Salve-me do pecado
E das contradições
Que acabo de cometer.

*

Aqui vai uma confissão
Pensei com volúpia
Em morder tua coxa
Bem acima da saia
Que me tem de tocaia
Pra sempre um laçao
A te olhar de soslaio.

*

Agora.
E sem demora.

*

Se um verbo criasse
Criaria-o cheio
Sem aval da gramática
E com força temática
No floreio da equação antiestática.

*

Vou pra muito longe
Pra onde o dentro habita
Pra onde não se pensa
E nem do ser se cogita.

*

(parte II)

Ouço um samba em arpejos
 Uma sonata de beijos
 Assim como vinte desejos
 Uma harmonia de ensejos.

*

Devido ao acontecido
 Ou algo parecido.

*

Criaturas disformes e amorfas
 Perseguido a bem-aventurança
 Dos que sofrem sem querer sofrer
 Dos que sabem sem querer saber
 O poder é tão enganoso
 E o ser humano tão medroso
 Personagens de uma história patética
 Paragens de uma vida aética
 Onde vão?
 Chamar São João.

*

Desespero.
 Um cheiro.
 Desconhecido.
 E amigo.

*

Arquivando toda a melancolia.

*

A doce lembrança de um sonho tão nítido
 É como um passeio pela chácara infinda
 De carro,
 Para não cansar.

*

E o homem inventou o deus.
 Para poder se ocupar
 Em rezar.
 E nas horas vagas
 Matar.

*

Pois que a virtude é a religião dos oprimidos.

*

Eis aqui uma dupla personalidade:
Um eu é tensor da emenda
O outro é a própria contenda.
Só pra rimar
O avatar
De quem não tem consciência
Em plena prepotência do verso.

*

Se é que faz sentido dizer alguma coisa a esta altura.

*

Desculpe, carinho
Não tenho presente
Só a vontade
Do terror ausente.

*

Entrou uma lufada de alegria no quarto
Pois dizem que só falo de morte de parto.

*

Pensou que sentia
Algo de inusitado
Na verdade morria
Na sala ao lado.

*

Rosas
E festim
Negro
E carmim.

*

Devoção exagerada
A pressa
Defeitos da humanidade
Em sua puberdade.

*

Falando nisso,
E a felicidade?

*

O som da música lembra uma atitude ativa em relação ao mundo.
As notas que obliteram
O pensamento moribundo.

*

desejo
pudico
de me entregar
sem querer
de ser teu
sem saber
ser enorme
em tua casa pequena

*

Dentre todas
As frustrações
A maior
Das emoções.

*

escrevo um poema sem ponto
com vírgulas, no máximo

*

E ai do poeta
Que não cede aos caprichos
Do corpo e da mente.
Somente.

*

Criando mais uma parte do eterno poema.

*

Reverberou por um instante a possibilidade remota de que uma carícia plena e romântica fosse acontecer inesperadamente.

*

Fé.
Onanismo cerebral.

*

E são palavras
Que chegam
Renovam-se a cada momento
Repetem-se como um tormento
Tentativa errante de dizer o indizível
Amálgama do fato e do imprevisível.

*

Vi Petrarca num bar
E Beethoven tocava
Mozart ria, sereno
E a humanidade babava.

*

É como se uma certeza incrível embalasse os momentos nebulosos de pesada meditação...

*

Exagero nas tintas
Para pintar
O que quero.
Quimero.

*

um homem
uma mulher
segredo sabido
de toda poesia
do mundo

*

O peido na sacristia
O tiro no palácio
Amordaçada a família
Que bom que seria.

*

Era uma vez
Um sentimento bom,
Que se acabou.
Para sempre.

*

Um fim
Não precisa ser o fim
Não sejamos
Tão pessimistas
Assim.

*

E ventou
No castelo de cartas.
Em pleno dia de sol.

*

o homem incrédulo
o pensador do amanhã

*

É tudo um misto de mormaço de verão
Com um sorvete de morango gelado
Um calor abafado
Um desejo encravado
Um amor encruado
Um poder não-poder enciumado
Amistoso farfalhar de vestidos
E alguns arranhões poluídos.

*

Pois não é que mataram mesmo a autenticidade?

*

Que se fodam os homens
Que tudo sabem.
Mentirosos que são
No inferno se acabem.

*

Pois o acontecido,
Meu nego,
Nem sempre é sentido.

*

(parte III)

E aqui termina mais um início de poema.

*

Devoradores de crianças
 Arcanos perdidos do inconsciente
 Heliotropos avançados das galáxias
 Deuses eternos e infindáveis gnomos da sabedoria universal
 Arquétipos esquecidos e avatares perdidos na oitava dimensão do tempo-espaço
 Mas o que é mesmo “heliotropos”?

*

A ópera
 Dos meandros
 Das margens
 Da vida.

Elementos
 Tormentos
 Momentos
 E algo mais.

Alarme
 Na consciência
 Gendarme
 Da transparência.

*

Pois todas as coisas procedem.

*

Decrépito
 Estético
 Herético
 Hermético
 O fim do planeta
 A minha
 A sua
 Boceta!

*

Delírios de assombros oníricos
 Detritos de escombros satíricos.

*

Copyright

As reticências da noite no parêntese da obrigação.

*

O aprendiz do futuro
O pulo do muro
O sexo afoito
Perplexa espera.

*

(
Há uma série de lágrimas
De diversos tamanhos e velocidades
A lágrima da criança
Efêmera
A lágrima da virgem
Fingida
A lágrima do traído
Orgulhosa
A lágrima do amor
Solene
A lágrima do ferido
Dolente
A lágrima do adeus
Saudosa
A lágrima do abandono
Perdida
A lágrima do desespero
Apertada
A lágrima da saudade
Comprida
A lágrima da hipocrisia
Pomposa
A lágrima do desejo
Volúpia
A lágrima da alegria
Acesa
A lágrima política
Mundana
A lágrima do interesse
Vadia
A lágrima do artista
Perfeita
A lágrima da igreja
Contrita
A lágrima da conquista
Cansada
A lágrima do louco
Absurda
A lágrima do tédio
Modorra

A lágrima do casamento
 Angelical
 A lágrima do falso
 Pensada
 A lágrima da ira
 Brilhante
 A lágrima do evento social
 Apologética
 A lágrima do lutador
 Ardente
 A lágrima do fim
 Factual
 A lágrima da surpresa
 Pequena
 A lágrima do presente
 Curtida
 A lágrima da volta
 Agradecida
 A lágrima religiosa
 Vencida
 A lágrima da insônia
 Conformada
 A lágrima da agonia
 Coerente
 A lágrima da poesia
 Insistente
 A lágrima da morte
 Consorte.

)

*

coito
 de palavras
 gozo
 pensante

*

Segredado está
 O pensamento urgente
 Sem nexo o afã
 De ser alguém.
 E eu com isso?

*

E
então
tome lá
um verso
totalmente
ou quase
de revés
correndo
solerte
através.

*

É de menino
Que se ilude
O bambino.

*

Negando a existência hipócrita
Das frases bem feitas
E bem comportadas.

*

E

rarre E

que tal

oiem olep

variari

ranep a

numa

oduesp

oclusa

oãcatneiro

posição

?acimêdaca

anatômica?

Endêmica

Por entre

As fibras

Do papel

Aparente

Retrato

De um dote

Esquecido

Nas unhas sujas do tempo

A velha

Novidade

Do jogo

Copyright

Abstrato

Cordato

Extrato

Um reles

tri
um
virato.

*

Tenho na mente a imagem do monte onde larguei minha bicicleta de infância.

*

Rebuscados pareceres esotéricos

lotéricos

cadavéricos

feéricos enxertos de falsidade ideológica.

*

Enquanto durar a insônia

Enquanto esquentar a peçonha.

*

O corpo encostado à parede

A fumaça tranquila

O olhar carregado

O ar da rua nas rugas do rosto

A marca dos anos no peso do corpo

O corpo

O corpo

E só o corpo

Nada mais que o corpo.

*

Pelo povo

Para o povo

No povo

Até o cabo.

*

Baratas passeiam pelo teto da incoerência

Prepotentes mutações de costumes

E as moças continuam a fazer o trottoir

Em lugares distantes de outrora

Já que os homens são os mesmos

E quanto custa
a felicidade?
A conta
da insanidade.

*

Foi um passarinho que me disse
Pra pedir que você se despisse
E me possuísse
Que o invólucro poluísse
Deixando a alma para o grande amor de minha vida
Quando o demônio saísse.

*

A volta
O tapa
No rosto
Da saudade.

*

Derivando o absurdo
De um mero bafejar.

*

O odor do monte pascoal
Fede a bolo fecal.

*

Como toda criança
Eu quero meu sorvete.

*

É uma compulsão doentia de escrever até que se acabem as tintas e
as horas de todas as noites dos séculos universais da consciência.

*

a pele
o arrepio
o ser
arredio

um beijo
no escuro
um novo
prazer

até
que se acabe
a vontade
de recomeçar

*

Copyright

R
 I
 O

O CORTE APRESSADO
 D
 A
 H
 C
 A
 M
 O M
 O D
 R
 I
 B
 U
 S
 ã O
 E O VÃO
 E
 A
 Q
 U
 E
 D
 A
 •
 NO
 N A D A•

Copyright

Patrulha ideológica
 Solução analógica
 Disquete mental
 Existência banal.

*

Se eu fosse um computador
 Registraria todos os seus códigos
 Na memória de meus sensores
 Para sempre.

*

Pelo fim da hipocrisia ecológica.

*

E aqui começa mais um início de fim de poema.

*

A PEDIDOS

Não te guardo rancor
 Nem desamor
 Só a sensação de alguma coisa por fazer.
 É tudo.
 Ao menos no atual estado de meu ser.

*

São nove
 Os verões que nos separam
 Ferrugem
 Do amor que nos deixaram
 Dos quarenta
 Seis ainda não chegaram
 Dos cinquenta
 Sete ainda se preparam
 São nove
 Os senões de nossas vidas
 Inquietas
 E bastante carcomidas
 São nove
 As precauções que nos afastam
 E mais nove
 Os safanões que nos desgastam

Talvez te cause muita dor
 Este falar enigmático
 Mas é tudo um reflexo
 De meu marasmo matemático
 Um absurdo numismático
 Em torno
 De um detalhe iniciático
 Tendo ao fundo
 Um passado sorumbático
 Fomos o que não poderíamos dizer
 Fizemos o que não pudemos esconder

No mais
 Nada de novo
 Entre nós
 Um abismo atroz

Pois nove anos nos separam
 De lutas desiguais
 Nove eclipses pessoais
 Nove luas trimodais
 Em carmas paranormais
 De rimas tão banais

De mim levas o tudo que não soubeste conquistar
 De ti fico com a relva que jamais ousei pisar
 E no meio da pseudoconsciência
 A mais do que óbvia transparência

A sombra de um passado chamejante
 O medo de um a dois emocionante

De ambas as partes
 Destroços e artes

E no fundo só a certeza de que o amor é infinito
 O sonho que se tem por um desejo é bendito

no mais
 nada mais

por demais
 fugaz

o por trás
 me apraz

o cais
 o gás
 sinais
 abissais

E a poesia concretista que retorna
 Comendo, voraz, os ovos de codorna

*

Não te espero pesar
 Nem recordar
 Só a esperança de uma nova coreografia.
 É tudo.
 Ao menos sem a pressão da embolia.

Rio, 1992.

LUGAR-COMUM

Dizes que o meu verso é lugar-comum
Por mencionar caso de amor ao seu final
Mas quem és tu para aventares tal hipótese
Se passas tempo a repetir algum sinal?
Minha trova é tão singela
Em outras partes ela é tão elaborada
E outra coisa
Que mal pergunte, és poeta?
Ou um simples, abstrato ser esteta?
Há perguntas
E respostas
Entre as coisas
Já dispostas
No entanto
Já é tarde pra explicar
E além disso
Faz um frio de rachar
Sou comum, sim
Mas não lugar
Escrevo assim
Para não desafinar
Oh dias-noites de minh'alma
Trazem tudo menos calma
E tome esta pérola:
Será que o céu é azul
Ou um reles cor-de-rosa?
Uma trova
É o que quero
Um grande amor
É o que espero
Aí está a verdade da existência
O fator menos um da insolência.

Pesado é o ar
Amassado o dinheiro
Eterno errar
Dia quente e palheiro

Pela rima
Ind'outra vez
Vida acima
Por mais um mês.

Que já acaba o papel
Nas carruagens de Noel
Por um afago dengoso
Por um beijo gostoso

E onde está
A bicicleta?

METÁFORAS

(para Saramago)

Pois que a existência é dura
Como pedra sem limo
A rolar em ribanceira plana
Ah que torpor
Uma rosa de sangue
Uma cor sem cor
Como o atrativo da mulher insossa
O problema é que a vida é lenta
Caminhando em metáforas diárias
Símbolos de câmaras mortuárias
Versos póstumos com agá mudo
Para que ninguém note
Para que ninguém devote
Um minuto sequer ao poeta
Que se extingue num caudal de rio manso
A elaborar figuras de metástase absurda
Informe,
Disforme,
A fome de glória que assola o planeta
Pois que a maledicência é perjura
Em qualquer contracultura
E não se observa
O olhar capaz de ferir um elefante asiático
Ou até adriático
Enigmático
Estático
A mirar as montanhas da planície dolente
E no ar um vapor quente
De fel,
De bordel,
De papel,
Que se dissolve na penúria dos dias contados
Arrastados
Na insone cidade grande
Que constrói
Como o cavaleiro que dá a rosa à dama
Sem o escárnio de levá-la à cama
Um aprendiz dos mistérios da amásia platônica
Um caminhante na poeira da mídia eletrônica
Ai, que não sou Plauto
Ainda que murmure alto
Ai, que não sou Bandeira
Tenho só eira sem beira
Um paquiderme intelectualizado pelo mundo, calejado
Alijado
De qualquer bem-estar emocional

E chega
Pois que as mazelas cantadas
Mais parecem choradeiras forjadas
Hoje o dia chove
No ar sufocante do centro da cidade
E pensar reduz-se a um mero tilintar neurônico
Muito abstrônico
Para divertirem-se vocês
Com a linguística insensata
Pois que os aeroportos da mente já se fecham para a noite do dia
Infindável
Quase, um pouco,
Insuportável
Mas não voltemos a falar em dolo
Antes deitar o grão ao monjolo
Que esta foi triste
Disse o crítico
Com o dedo em riste
Melhor esta
Pois que me detesta
O amanhecer invulgar
Como fosse uma abelha a cantar estridente
Um poema marcial sorridente
Que não existe, ó pá
Pois então,
Procura acolá!

Rio, 1992.

ÉPICO

A vestal
De avental
Rasgado
Aturdida
Fodida
No estrado

Uma fígada
No som
Um pesadelo
Um bombom

Depressa
A lua começa

Ouve o pássaro
Da manhã insidiosa
O pastor
Com a vontade ansiosa
E a flor

Depressa
Um vendaval
Deflorou a vestal.

Copyright

Rio, 1992.

E se o espaço não
se apressasse tanto a dizer
a b so lu ta m e n t e na da

Copyright

Rio, 1992.

PRESENTE

És a minha paixão
A minha augusta
Sublimação
Se é que é paixão
Te desejar a meu lado
No sono inquieto de te querer
Maria entre marias
O que penso neste instante
Saber não queres
E no entanto
Algo de mim sente tua falta
Algo de nós se me exalta
Te desejo no querer que me desejes dentro de ti
Para provar que eu senti
O caminho que leva,
Malsinado,
A te toda conhecer
A uma elegia te escrever
Um inseguro rebuscar de sensações
O mim que não é ti mas que se alonga em nós
A vontade de dizer coisas profanas
E te pegar de doce a mão
Solfejar no teu ouvido sons libertos
O que sonho com você é proibido
É onde não se contém mais minha libido
A hora se perde no desejo de te ver
O mundo some na imagem de você.

Rio, 1992.

NÓS SEM O MUNDO

Se te puderes
Sou teu
Se não
Valeu
Todo este tempo de agruras apaixonadas
Toda a coragem de carícias tão sussurradas
As invenções de um amor sincero
Nas mãos
Nos olhos que não mentem
Tua boca é sensual como a carícia não tocada
Te olhar sem mais parar é o ideal do amanhecer
Se te deixares
Te darei tudo que tenho cá por dentro
E tua boca,
Meu Deus,
Que não me sai do pensamento
Entreaberta num ríctus de paixão
Desperta a mais inerte sensação
Um amor que se mede por a dor e a razão
Euforia flamejante, o céu a pedir perdão
Por nos ver, nos devassar
Em tamanha convulsão de gozo forte
A filosofia do amor em pessoa
Nós sem o mundo
E o afago que, liberto, inda ressoa
Nas batidas de dois corações extenuados
Nos dizeres de um abraço cortejado
Se me quiseres
Sou teu
Nos teus deres e vieres
Ainda que pra isso
Precise te conquistar
A cada momento
Titubeando na poesia insossa
Como é vão o descrever essa verdade
Devassa imensidão de nosso afeto
O porquê demolidor, um tiro certo
A cada vez que te penetro
Mais e mais
Arranho o âmago do íntimo existir
Esse existir depauperado
Entre o pulsante reencontro
E o adeus famigerado
Que de tanto te esperar me fiz eterno
No infindável e lento ir do tempo
Quero que me queiras me querendo em teu querer
Pois nem mesmo me atrevo
A entender o que acabo de dizer.

INSTANTE

Aqui termina
Mais um instante
Em que te pensei.
E outro recomeça
Insaciável
Esse amor que te entreguei.
Na rima te dou
Uma espécie de arte
O teu vento ameno levou
De mim a mais íntima parte.
E aqui termina
Outro instante
Em que comecei
A te pensar
De onde no outro parei.

Rio, 1992.

Copyright

OF LOVE FORLORN

Believe it or not
I miss you
I wish that I
Could kiss you
Feelings mingle with the thoughts
Time and space are mere noughts
The world is but a faint glimmer of tomorrow's vain routine
Everything so unspecial
And suddenly you reappear
Like the image of a most rewarding sound
A partial vision of your figure round and round
Oh if I could touch this wet remembrance
Oh if I could stop the earth to see you
Moan again in ecstasy
The same again in you and me.

Rio, 1992.

Copyright

UM ENQUANTO

É como se eu sentisse a imensidão de tua presença
O vácuo afagado de tua ausência
Um querer encravado na espera angustiosa
Um sofrer encomendado, uma aventura caprichosa
Pois que o amor se o define a intensidade do vazio
O desejo insatisfeito, a tormenta em pleno estio.

TESÃO

É como se se esgotasse a inspiração
No penetrar-te a noite toda
Em minha recordação.

ABISMO

É como se pudesse ser o que não é
Um alfabeto em letras mortas
Pois que o silêncio ao encher-se do prazer
Remedeia o abismo do viver.

CHÃO

É como se eu não soubesse
O que dizer.

Rio, 1992.

PORQUE NÃO CONSIGO TE ESQUECER

Quero impregnar a tua vida com a minha presença
Que no fundo é o que todo amante pensa
Tocar teu corpo e teus sentidos
Como ninguém jamais ousou
Ser de ti um infindável prolongamento
Como a rima que se adia à espera do momento.

*

Quero desejar o teu desejo de me ter
O teu abraço me excita e me conforta
O som ameno de teus beijos me devora
E o teu olhar me confunde a certeza e a demora
Por um momento, que pequeno seja,
Foste minha, não se deixa dúvida
Minha e de mais ninguém
Ainda que de outro sejas
O que constitui apenas um leve porém.

*

Pois estou louco, devorado, travesso e perdido de amor
Por este corpo que aprendeu a me abraçar
Sem qualquer aula precisar
Por este cheiro que desperta o cio de mansinho
Por esta saia que perverte o meu ar devagarinho
Por esta hora de conversa que se alonga noite adentro
Quando já foste em tua presença, te ficando em meu centro.

*

Quero contar de hoje em diante
As emoções de meus amores
Se os houver
Pela corrente desse frio na barriga
Medida incerta mas contigo inconfundível
Essa descarga da espera irresistível
A sobrecarga de um afago inaudível.

*

De mais a mais
 Quero ser teu até morrer
 E descuidar de minha boca a te morder

v
 a
 g
 a
 r
 o
 s
 a
 m
 e
 n
 t
 e

Tuas pálpebras lamber
 Cheio do desejo insaciável de te possuir
 Na posse que de mim já tens

i
 r
 r
 e
 v
 e
 r
 s
 i
 v
 e
 l
 m
 e
 n
 t
 e

Um ser apaixonado que te canta inouvido
 Um tipo de poeta que te observa insentido.

*

Quero teu corpo e tua alma
 Em confronto e união
 O meu deslize e o teu perdão
 O meu sinônimo em tua antítese
 Quero teu corpo e tua alma
 O meu nervoso e a tua calma
 Nessa eterna vela que se queima entre nós dois
 O desespero de dois antes
 Na unidade, sagração de um depois.

PENSAMENTO INTERROMPIDO

Minhas paixões são bem aflitas
Uma renúncia vã e bonita
Pois o que é viver a vida
Sem se beijar o ser amado
Descrever em rimas toscas
O absurdo da existência
As palavras, vozes foscas
Num mar de pura incoerência
Para em pobre redondilha
Se isolarem em uma ilha
Já que o amor quer segurança
No segredar fonemas cálidos
Amar de verdade
É não ter palavras para usar
É pôr de lado a retórica
E se perder a fitar
O outro ser também perdido em indolência
Da clausura de um no outro a quintessência
Amor é coisa esdrúxula
Sofre na alegria
Geme no prazer
Demora-se na pressa
E desfaz o não-fazer
O amante é ousado
Pela musa agraciado
Age sempre de rompante
É arisco e galante
Amar é chafurdar na adolescência
É sentir-se eternamente em inocência
A constante sensação do beijo primo
A distante obsolescência do destino.

Rio, 1992.

CONSPÍCUO

Quebrei minha promessa
Apaixonei-me outra vez
Caí doze andares
Em plena insensatez

Há um conspícuo remoçar
Indisfarçável pequenez
Um absurdo de prazer
Uma total embriaguez

Agora que se dane
Não há voltar no que se fez
O eu, você, e o nós dois
O um mais um que somam três.

Rio, 1992.

Copyright

PEDACOS

Sou um homem fiel
A uma mulher desleal
Um coração de papel
Num recortar sem igual

Amo na esperança
De ser amado também
Um coração de criança
Num vaticínio do além

Deito por sobre a vida
Numa cópula aflita
Uma mulher exaurida
Uma chegada bendita

Vivo a mulher amada
De forma tangencial
A dor de compartilhá-la
É um drama existencial

Sou um homem perdido
Nas mãos de uma ninfa cruel
Que me usa em enredo urdido
E me amarga com o seu mel

Foi na quinta casa astral
Que se armou o desenlace
Paixão exponencial
Que oxalá nunca se acabasse.

Rio, 1992.

OFERTA

Não tenho dinheiro
Nem grande bem
Não sou famoso
Quase um ninguém

Tudo que posso dar
É um grande amor
E a sensação
De um a dois em flor

Quiçá pequenos versos
Repetições tenazes
Bobagens apaixonadas
E emulações fugazes

O sim
No meio do não
O fim
No eterno então

Aberto que está meu peito
Lanhado por mão feroz
Dedico um arfar mudo
Ao entrecortar de nossa voz

Não tenho destino
Só prosseguir
No ateu silêncio
De te sentir

E o vento sopra
Descomunal
E o tempo endossa
Meu funeral.

Rio, 1992.

TEATRO DO ABSURDO**ATO I POSSÍVEL**

Quero escrever para além dos limites do papel
 Filosofando, de terno, entre as putas de um bordel
 Dizer que a vida é bela, sim
 Mas só por ter nem sempre o aroma do jasmim
 Calçar, descalço, um pé no espaço
 Ouvindo, etéreo, um Beethoven sempre marcial
 Nos limites implausíveis da esperança já perdida no país
 O meu concerto de sucesso onde todos, surdos-mudos, pedem bis

INTERVALO

(aparece um homem nu por fora e por dentro)

Apaixonei-me pela mulher errada mais uma vez
 Enfim, não é problema de vocês

Gozei, não gozei?
 Então, que quero mais?

Não sei,
 Talvez o eterno rebrilhar deste amor fugaz...

(desaparece o homem por fora)

TALVEZ O FIM DO INTERVALO**ATO II ABSURDO**

Quero peidar no som azedo do alecrim
 Sinestesia do ódio ao jardim
 Do éden, ou seja lá o que for
 Desmascarar esse deus ateu, injusto e demagogo
 Que arrebanha mil dinheiros por minuto
 Quero dizer não ao sexo que me carrega a mil mulheres
 E desovar a grande poesia da eternidade absoluta
 Chegar ao fim do meu papel com mais ideias que o possível
 E beijar o chão da incoerência que me faz ser tão feliz
 E constatar o vão prazer de ser eterno aprendiz

Copyright

FINAL APOTEÓTICO

Mijam os anjos e os budas
 Visto que mijamos nós à sua imagem e semelhança
 Matam-se os povos por amor
 Em enorme e irascível pajelança
 É que os coelhos enriquecem
 Ao som das incertezas dos aflitos
 Que sonham em deixar de ser malditos

KYRÍA ELEUTHERÍA

(ou seja lá o que isto for)

Assim falavam os deuses
 A mim que os ouvi
 Assim nos mistérios de Elêusis
 Que aos fiéis já os perdi

MORAL

(visto que todo texto aliterário tem moral!)

As ondas do mar
 Não podem sentar
 Na boneca
 Rá, rá, rá

INTERPRETAÇÃO DA MORAL

(pós-freudianamente lacaniana e invisível aos olhos dos não iniciados na psicointerpretação mediúnica da merda existencial)

Rá, em javanês
 Etimologicamente
 É o deus egípcio transsubstanciado,
 Sem Ráizes,
 Aos confins do inconsciente
 Permanente

Copyright

PÓS-FINAL

O bucólico sentir
 Do existir
 Antropomórfico
 Ascórbico
 Que tem cheiro de barata

N.B. CÓDIGO DE DEFESA DO AUTOR

O cheiro de barata
 Queridos analistas
 É a projeção da vossa mãe
 E não da minha
 Como diria
 Vaiz Co'aminha

FINAL APOTEÓTICO ABSURDO

(que eu já estou de saco cheio; plágio do Chico)

A existência humana não se contenta em encher o próprio saco
 Quer expressamente transformar o absurdo inevitável em macaco

Ó potências invisíveis
 Caí as asas sobre nós
 Perdoai os pecadores
 Amortecei vossos anzóis

Que assim não dá

A vida essencialmente não passa de uma enorme, fria e fedorenta masmorra.

Porra!

FINAL ALTERNATIVO

(um brinde ao direito à democracia do leitor)

Quero escrever para além dos limites do papel
 Dormindo, já cansado, infelizmente, sem as putas do bordel.

Rio, 1992.

O RAPTO DO TEMPO

Foi tudo tão rápido
Na velocidade de uma bala
O resumo do tempo
Em dois instantes fatais
A solução tão óbvia
Dos problemas carnis
Da existência
A dormência
Um misto de dor e estorvo
O olho nem viu
Quando a sina partiu
Na verdade nem o corpo sentiu
Em flashes um retrospecto
Os momentos
Os risos, as lágrimas
Da vida as páginas
Pois que tudo é finito
Mas por que ser tão rápido?
E a vida tão curta
O mundo é um girar incansável de ânsia de vômito
O outro torpedo já chega inotado
Um acréscimo no já definido
A incoerência
Perdoai a quem perdoamos...
Não é bem assim
Mas poderia ser, por que não?
Um duelo final no intelecto
O bem e o mal finalmente se encontram no momento infalível
A que vai e a que vem
Era tão simples também
O nervoso que aumenta
A incerteza dos muros
A esperança dos puros
O destino cruel
Abençoai, senhor, o meu prazer
Saravá, sei lá
É um sonho
Como toda negação do inegável
Que se insiste em existir irrefutável
Uma ligeira opressão das vias
O que mesmo, garoto?
Não vou te perdoar nunca
Um grito ecoa nos primórdios da memória evanescente
E é com muita honra que apresentamos
Um sorriso já só interno
Recusam-se as fibras à obediência tardia
Esvai-se em carmim o futuro pó da existência terrena
O bem e o mal
Uma é um, outra o outro
Mas qual!

Perguntou com ironia o mancebo
Num gesto derradeiro de lucidez embaçada
A penumbra do ser na visão desfocada
Uma criança travessa corre numa rua de barro
Perseguida por um monstro erótico de pernas abertas
Não pode ser
Ainda não era aquele tempo
De se resolver
Na confusão do não entender
O fim são pedaços
De frases
Perdidas
Amontoadas
Na incrível ilusão
De que algo fortuito
Ou intuito
O mar
O perdão
O engasgo
e

o

c

h

ã

o

•

Copyright

Rio, 1992.

A SAÍDA

(poema psicossomático)

**Dado que o céu não existe.
É só a epígrafe
De um pensamento abstrato.**

Sair de onde,
Meu caro?
Do país?
País que cheira a flatulência de vermes
Hospedeiro involuntário de um proletariado enganado
Inconscientemente abnegado pela busca de salvação
Horrendamente torturado pelo pão de cada dia
País abusado em seu povo
Enquanto em algum lugar dos jardins suspensos
Derrama-se o champanha da hipocrisia
Enquanto no deserto da lei e da ordem
Derrama-se o sangue da covardia?
Não, sair jamais.
Que ainda se ouvem os ais.
Sair de onde,
Meu caro?
Do útero materno?
Do meio de água salgada e sangue nojento de vida
Começo da contradição humana
Espaço aberto, pegajoso da futura ignomínia
Disfarçada de livre arbítrio impingido
Onde o feto jamais consegue nascer
Prolongando sua agonia ignorante na ignorância angustiosa de uma subvida arrogante?
Ah! Que se matem os pobres
Pois só assim se livram da culpa os ricos.
Não, sair jamais.
Penetrar mais fundo no calor do ventre materno
E desejar o não-ser in-sofrente de um amanhã in-vindouro.
Sair de onde,
Meu caro?
Do anonimato?
Frustração travestida de desejo consumista incontrolável
Almejar-se a fama de uma mulher bonita
Conquistada a músculos e fodas gratuitas
Nos gozos eternamente artificiais de um modismo chinfrim
Que vive da morte e da ilusão da vida melhor
Comprando sua própria imortalidade na falsidade social
Transformando o pecado em capital
E depois resolver-se defronte da câmara patologicamente aguçada de um putrefato observador curioso
[dos detalhes escatológicos da puberdade precoce do exposto?
Não, sair jamais.
Invadir de vez a mediocridade
Sonhando com o valor dos justos
E as criancinhas que nunca se lhe chegam.

Sair de onde,
 Meu caro?
 Desse mórbido e deprimente pessimismo?
 Que desperta a pena absolvedora e criticamente paternalista dos bem-amados
 Um querer se esgotar nas palavras em adendo
 Um desejo incontestado de conviver com o próprio sadomasoquismo existencial
 A filosofia em essência dissecada a frio
 E sem anestesia
 Mas cheia de poesia
 De um erotismo híbrido de obscuridade e egoísmo
 A própria vulgaridade desvelada pela inspiração do poeta escondido por sob um vale onde viv'alma se
 [apresenta em auxílio

O pessimismo do suicida potencial
 Que pesquisou o mundo nas curvas da física
 Num espaço-tempo psicodelicamente anormal,
 Um cavalo branco que se perde na palma da mão
 Um reles organizador de palavras sem nexos ou sexo
 Para os momentos do desagrado da condição humana
 O pessimismo eclético e estoico que leva à sabedoria
 Dos que jamais conhecerão sequer o raio da luz no fim de túnel nenhum?
 Não, sair jamais.
 Ir até o fundo do barril
 Num estopim aceso e inapagável
 Explodir com todo o remorso
 Todo o ódio
 Toda a paixão
 Todo o peso
 Todo o amor
 Todo o próprio ser em catarse
 Explodir EX – PLO – DIR
 Até que as cinzas do porém já não falem de qualquer esoterismo culposos.
 Não, sair jamais.
 Ressurgir do momento febril
 É reviver toda a necrópsia da vida
 Própria e alheia
 Que é o que faz o poeta indiscreto
 Que olha e transforma a festa em lucidez dramática
 Atmosfera de podre e de mofo
 Porque podre é a humanidade
 Deixemos por fim de falsidade
 E úmido e fétido é o cárcere privado da sobrevivência
 Et vive la France
 Gritou, desesperado, perdido, felizmente incompreendido, o intelectual que morreu de cirrose.
 Sair de onde,
 Meu caro?
 Da casca?
 Da casca excretora da filosofia barata
 Transformada em versos hostis de revolta e torpor
 Um abstrair translúcido da metafísica atemporal do planeta
 Do caracol que se enrosca no ar
 Prenhe de certezas do instinto
 E vazio da mente que pensa e permite o extermínio dos jovens

Do ovo que gera o não-sei-quê de avareza
 No permita-me vossa alteza?
 Não, sair jamais.
 Quebrar a casca, isto sim
 E aplaudir a desonra tardia
 Pois que o mar se mistura com a terra
 O que não significa absolutamente um nada de nada
 Meras palavras, crianças
 Da mente já rica de sabedoria imitada da alteridade de um ego errante
 Viajante de outros
 Irrequieto da presença.
 Sair de onde,
 Meu caro?
 Da lama?
 Rodeada de casais por todos os lados
 Aprovada pelos santos matrimônios
 E sacramentada nos autos de um julgamento arbitrário?
 Pois se Deus existe é covarde
 E se esconde nas tribunas de ouro dos palácios do espírito
 Com medo do seu próprio julgamento final.
 Ah! Que sono.
 Que desejo insaciável de exaurir no metro o da alma castigo
 Buscar na Antiguidade o saber das profundezas do oculto
 E poder, finalmente, acreditar no vadio despertar da consciência
 Com o ópio, é claro
 Pois que todos nós usufruímos da droga
 De uma forma ou de outra.
 Não, sair jamais.
 Chafurdar nesta lama de ignorância
 Onde o sobressalto apressa a morte por asfixia
 Enforcamento saudável da velhice do cérebro.
 Não, sair jamais.
 E o tom ufanista, doutrinário, patriarcal
 Seja pois desculpado
 É simplesmente um reduto permitido do liberalismo democrático
 Hay que endurecerse
 Pero la bagunça jamais
 Citações
 Pedacos de lembrança de uma memória falida
 Passado-presente de um futuro composto em jogos idiotas de palavras soltas
 Ou presas
 A que não se sabe.
 Sair de onde,
 Meu caro?
 Da ilusão?
 Que rege o cotidiano da humanidade
 Num pós-entardecer que se recusa a acontecer
 Pintura pastel queimada, tostada demais no desleixo do pai criador
 A beira do abismo que se afasta do pé do atleta da morte
 O tesouro de batatas sadias e xoxas e xuxas apavoradas

A ilusão excitante de beijar as espadas reluzentes dos cavaleiros de ouro do apocalipse individual e
[apócrifo do ser?

Não, sair jamais.

Destruí-la.

Totalmente.

Até o último microscópico resquício

Com a luta diária pelo sentido das palavras estáticas movendo-se na direção indeterminada da busca
[idônea e perfeita do algo de mais branco em sua roupa.

Sair, jamais!

Desvanecer-se, isso sim, na ilusão da própria felicidade

Da própria futilidade

Rejuvenescer no combate à mediocridade

Ainda que em silêncio.

Sair de onde,

Meu caro?

Do gozo insólito de trepar na ladeira

Subir por entre as ramagens do prazer enlouquecido

E encontrar por fim a mesma mulher roncando a seu lado

Com um ramallete repetitivo de frases cotidianas que perturbam o sono na incoerência, complacência,
[demência do lar

Sair da vagina sagrada

E urinar porque a hora vai tarde?

Quem vai tarde é o papel

E o suor do poeta

Que geme em palavras incompreensíveis ao vulgo são da cidade

Que, em pobreza linguística, exala um suspiro afogado na incapacidade vital da incompatibilidade
[hormonal, passivamente heterossexual reprimido pelas humilhações vexatórias do calor infernal

Do reino vegetal,

Que um pouco de humorismo

Não faz mal ao abismo.

Não, sair jamais.

Engolir o gozo afásico e sem ar do sexo docemente violento e desgovernado

Emergir das entranhas

Sagrado e renovado

Para trabalhar no pasto inesgotável da produtividade

Deixai vir a mim as surubinhas

Pois delas não tomarei conhecimento

Ao menos neste momento

Ocupo-me de coisas grandes

Do bem e do mal

Do ente e do astral

Já que não podia ser sem rima

Por ser ela a harmonia microcós mica

Do universal.

Sair de onde,

Meu caro?

Dessa?

Dessa o quê?

Dessa orgia deletéria e esquizofrênica do pensar

Dessa matriz arborizada de pedantes evocações

Dessa maltratada apatia e humilhada rebeldia

Dessa embolia lasciva que devora o vir-a-ser?

Não, sair jamais.

Apagar o dessa e incluir o nessa

Ainda que nessa desconhecida cupidez oleosa e ingrata da pedofilia hermética e perda do versejar
[atroz

Pedagogia insana que fere a maldita dor oculta de ser o mesmo a cada dia.

Sair de onde,

Meu caro?

De casa?

E beber do cálice sagrado da veracidade das ruas

Misturar-me com os profetas incongruentes e voyeurs ofegantes do sexo explícito

Andar por aí pensando em ser eu sendo tu e alguém mais

Obcecado por diversões magnânimas

Franzinos amanheceres espatifados em álcool

Deambular ao lado da hipocrisia reinante nos olhares vazios de tépida hemorragia diária dos sentidos

Bolsas e tropéis e dinheiros e carros

Fumaça e dinheiro e olhares e curas

Assassinatos e elevadores e pernas e bancos

Pobres e ricos e remediados e camelôs

Livros e bares e copos e agruras?

Caim matou Abel

Mas levou o troféu.

Não, sair jamais.

Ir para as ruas em casa em meio às estrelas.

Proteger-se na saúde vicária das elucubrações do lar doce lar.

Sair de onde,

Meu caro?

Aliás,

Como levar

Se não tomou?

Portanto,

Como sair

Se não chegou?

E que seja o fim

Onde verde é carmim...

*(Com meus cumprimentos
ao pessoal do botequim,
que espero
ainda se lembre de mim.
Rio, 06-07/01/93)*

LONELY TALE

Some people are mateable
They embrace and they kiss
Under the stars
Some others are able
To seek the routine
Of healing the scars
You can tell by their gait
They are couples in fate
Others can see the light
In the visions they write
I know of one man
Who was lonely as hell
Of his inner forebodings
No soul could not tell
When he saw all those people
Entwined and so distant
He felt more assured
At each lonely instant.

Rio, 1993.

Copyright

COMENTÁRIO

(ao prof. Jorge Valentim, da UERJ)

É que isso tudo já não me diz nada
Há um certo processo
Um tipo retrocesso
A alma questiona o mundo de maneira prática
Querendo achar a teoria do universo
Hoje não há mais poesia
Nem embolia
O que fazer? quando o ser se enterra em si mesmo
Um desespero de existência prevalece
O ar começa a deixar rumores
E dissabores
Tudo que sustém não se mantém
Mudaram os códigos oriundos da nobreza da opressão
Vorazes abstêmios se penduram em paixão
O que importa é a mulher
E o que tem de mal-me-quer
Insensível, é verdade
Mas verdade é ser atroz
Como o antes sem após
A solidão da existência se acentua
Quando a multidão se torna amorfa e transparente
Ah que saudade do idealismo juvenil
A subtração de todo o medo
Os anos se movem agradavelmente repensados
Os poetas dizem frases insolúveis e abstratas
Mas hoje os poetas se escondem nos riachos de asfalto das cidades
A luz do pensamento tem mão única
Nem a bruma fresca e ácida vale a pena
O romantismo se perdeu no questionar
O passado deixou poucas sementes
E o presente poucos frutos
Há uma amnésia coletiva sensual
Há uma neurose existencial
Talvez a verdade não exista
– Olha, amigo, ama-te a ti mesmo
Em nome dos séculos e séculos
O que penso já não faz sentido no anacronismo do existir
As palavras têm sentido relativo
E o mundo já não rima no final
Morrer na angústia de fazer sentido
Epitáfio de uma geração que passa e ninguém vê.

*

ABSOLUTO

O ser

coerente

(não é contente)

se esvai

e
c
a
i
•

Copyright

*

Um ponto e vírgula no existir
 A lógica sem lógica do sexo
 A incoerência da religião

(sentir)
 (nexo)
 (não)

O intelecto possui
 O acontecer imediato
 O sonho irrefutável

(corou)
 (chorou)
 (criou)

a moça de desdém
 um pássaro também
 raízes o porém

Um poema insosso
 Seu moço
 Todo cão
 Se rói no osso.

*

Copyright

O FIO DO PAVIO

Mais uma vez fico só comigo mesmo
A pior companhia do mundo
Sou eu mesmo em mim vagando a esmo
Buscando reticências num abismo sem fundo

Na solidão o ser se abre em absurdo
Pasmado em contato íntimo com a dor
A dor atroz de um manifesto mudo
Mais incoerente que sofrer de amor

Ávida chega a solidão intrusa
Peçonha cínica de um avatar sombrio
Mordaz evocação da inexistente musa

Já diziam os troianos
“Não se arisquem em comoções insossas”
O ser é bem mais que o ser
O que importa é saber
Teorizamos sobre um mundo incoerente do existir
Assinando em branco sobre as luzes da escuridão
Emoções que vulgarmente chamamos paixão
Afeições que erradamente transformamos em tesão
O ser se mostra todo nu na solidão
Escuro quarto que nos permite o raciocínio
O ser de novo, o ser e só o ser
O ser que insiste em não ser somente o ser
A solidão que torna o ser a sua própria contradição
As rimas pobres da própria vida
Que se aproximam incontidas e refletidas
Na verdade absoluta do desvelar interior
O contato com o mundo fenece em um instante
O que irrita é o não-ser
Parte implícita do existir
A vida insiste em se fazer presente
Como já disse talvez o poeta desconhecido
Na mesa de um bar de subúrbio
Ébrio de desejos verbosos
Tudo se acaba no sorriso da moça
Que veio do interior
Sabe-se pelo sotaque e devaneio
O ser é um turista de si mesmo

*

Morri
 Numa curva da vida
 Onde tudo era lodo
 E a cultura um engodo.

Corri
 Para um mundo acima
 Com uma grande esperança
 E sem pensar em vingança.

Caí
 Nos prazeres ardentes
 Dividido outra vez
 Entre o uno e o três.

Senti
 Um vapor purulento
 Um frescor matutino
 E um instinto canino.

Perdi
 O meu fio contínuo
 Na busca incessante
 Da luz ofuscante.

Um dia sonhei que flores brancas flutuavam sobre o mar
 E que surgia, vermelha, uma mulher desnuda e brilhante
 Seu corpo transparente absorvia as forças do entorno material
 Seu olhar penetrante deixava paralisados os homens que andavam a esmo pelas avenidas da água
 De repente, um avião soltava bombas numa casa abandonada
 Perdida no meio do mato, próximo de uma árvore de frutos ocos e amargos
 Então se aproximava um homem baixo que fora psiquiatra duas vidas atrás
 E no caminho entre as ruínas da casa e um castelo de vidro,
 Explodia em fragmentos reluzentes que ganhavam velocidade e do centro se afastavam
 A terra se tornava uma imensidão de luminosidade intensa
 E um fogo invisível consumia os desejos da matéria febril
 Tudo era inferno e, quando mergulhei no mar, a mulher transparente me olhava e me deixava sufocar
 [no fundo do mar.

E aí
 Vivi
 Numa concha isolada
 Onde tudo era paz
 E eu não era demais.

Rio, 1994.

Copir



*Poemas a
Minha
Estrelinha
Perdida em
Varadero*

MOMENTOS DE UM AMOR INFINITO

(Para a estrelinha
que um dia me brilhou
brevemente
a vida.)

O amor não se explica
Por si só se justifica.

Quem não sofreu de amor não viveu
E quem sofreu morreu
Diversas vezes
A cada ilusão não ocorrida
A cada insegurança sentida
Quem não chorou de angústia
Não provou das benesses do amor
Porque o mundo de quem ama gira ao redor do ser amado
Acordar só faz sentido se houver em quem pensar
Quem nunca escreveu um poema ingênuo de amor
Onde as palavras se amontoam
Na esperança de dizer a sensação
Na brincadeira de fazer a sedução
Na incoerência de pedir a demissão
O ser que ama é tolo
Chega a ser simplório
Abandona a riqueza e a boemia
Por alguns momentos de modorra e letargia
Amar é sentir saudade antecipada
Na véspera do encontro
É temer a retirada
É viver plenamente a incerteza
E olvidar completamente a temperança
Amantes vendem a razão
Numa barganha desonesta à emoção
O amante é o ativo da possível união
Amar é pensar constantemente
Presença quase física à distância
As coisas ao redor ganham novo contorno
As perguntas da existência se resumem a onde e quando
O amor desaprende a malícia acumulada
Destrói a crueldade desbragada
Amar é não ter vergonha de ser brega em momentos de a dois
Inova o ser amado as metáforas do léxico
Intriga os analistas e os amigos
Só existe o ser amado paciente da emoção do outro
O resto é um adendo da existência
E de repente o telefone, de tão útil, fica mudo
As verdades descarregam a voltagem assassina
O ciúme, a perda e o abandono
Porque quem realmente já amou

Só sabe o que realmente é amar
 Se já foi abandonado
 Se já sentiu um câncer insolúvel na garganta
 Se já buscou nas palavras do cantor o fundo mais interno da tristeza
 Porque a não presença dói mais que a ausência
 A dor do amante abandonado
 Preterido
 Traído
 Angustiado
 Esquecido
 É maior que o próprio ser
 Chorar de amor, de tão patético, inspira a pena mais profunda
 Quem chora por amor jamais esquece
 São lágrimas pesadas e cortantes
 E soluços incontidos e asfixiantes
 Quando o telefone emudece
 A vida perde toda a razão de ser vivida
 Tem um gosto amorfo a comida
 Existir se torna um mero acaso obrigatório
 É como se o olhar não fixasse os objetos
 Saber seu amor em outros braços não é tanto
 Difícil é conviver com a certeza da partida
 Com a possibilidade do pensamento em mais alguém
 O ser que ama sofre como ninguém mais sofreu
 Sofre quando encontra seu amor
 Pois tem medo de perdê-lo
 Sofre de alegria com os elogios e surpresas do dia a dia
 Sofre da maior felicidade no gozo da paixão
 No prazer que dá e que em troca sente
 Sofre na dúvida do ciúme
 Sofre na incerteza da certeza do outro
 E sofre mais ainda
 De maneira não medida
 Quando perde aquilo que sonhou jamais perder
 E no entanto o ser que ama é incorrigível
 Insiste em buscar a todo custo o impossível

O amor só acontece.
 Verdadeiro,
 Jamais desaparece.

Ninguém pode ajudar o ser que sofre por amor
 A ferida é profunda e incurável
 Só o tempo anestesia a chaga aberta
 Não há trabalho, religião ou passatempo
 Que anule ou reduza a dor de amor
 No fundo amor só rima com tristeza e dor
 Até a felicidade esplendorosa
 Em meio à meiguice de beijinhos no nariz
 É inconstante e fugaz
 Se desafiada pelo medo do aprendiz

Fazer versos é o recurso do amante
 Pois ninguém compreende tal conjunto de pensamentos desconexos
 Só o papel se presta à tarefa ingrata
 De recolher as confissões do poeta apaixonado
 De constatar as baboseiras que diz alguém flechado
 Mas pra tudo isso só vale o amor maior
 Os menores são meros paliativos
 São projetos, na verdade, de um gostar acomodado

Por isso
 Se não posso ter quem quero
 Não quero ter ninguém.
 Espero.

O amor se resume, grosso modo, em três momentos:
 O desvario do princípio
 A inquietude do durante
 E o desespero do final.
 Que não me venham os discursos científicos
 De quem ama por tabela em consultório
 Amor indireto de quem ouve histórias invejáveis
 Quem ama teme a perda, possível ou de fato
 A única dúvida na cabeça de quem ama
 É quanto vai durar aquela paixão indescritível
 A entrega de quem ama é total
 É simbiose em último grau

Levaste de mim a maior parte
 E deixaste-me só
 Com a minha arte.

Teus olhos têm o verde da minha esperança de que voltes
 Teu rosto, a paz que eu não tenho sem você
 Teu corpo é uma lembrança do maior prazer que já senti
 E tua ausência, a angústia que alimenta minhas lágrimas
 Não tenho vergonha de sofrer de amor
 Em carta poética a uma mulher
 O poeta é um sofredor
 Que sofre mais ainda de amor

Passamos a vida a procurar um grande amor
 Às vezes o deixamos passar
 Por não acreditar
 Que uma paixão intensa, brusca e doce
 Aquele amor tão esperado fosse.

Rio, 1994.

POEMAS SEM CABEÇA

A vida passa
Em desgraça
O amor chega
E disfarça
O sonho ruge
Em fumaça
O amor insiste
E estilhaça

A vida insiste
E ameaça
O ser desiste
E se embaça
A raiva chega
E não passa
O perdão vem
E abraça

O sexo arranha
E enlaça
O beijo se quer
Numa praça
A mão do casal
Se entrelaça
O amor se impõe.
Que se faça.

Rio, 1994.

De dia o azul
De noite o pavor
Que tudo é ilusão de valor.

De dia o escuro
De noite a razão
Que nada é eterno no chão.

De dia o trabalho
De noite a tv
Que tudo se mostra a você.

De dia a política
De noite a pobreza
Que nada pro pobre é moleza.

De dia a facada
De noite o caixão
Que tudo se acaba no bar.

De dia o volante
De noite o tesão
Que nada é melhor que o lar.

De dia a fuga
De noite a procura
Que o poeta cansou de buscar.

Rio, 1994.

Copyright

Existem paradoxos na vida
O acender e apagar da emoção
A chegada e depois a saída
O sim na iminência do não.

Rio, 1994.

O PAI DO RECÉM-NASCIDO

(num hospital do inss)

Depois você diz que eu não te avisei
A vida é sofrida, meu bem, eu bem sei
A gente trabalha por um pedaço de pão
Se sente um gigante e morre um anão
A vida do pobre é sofrer de amor e ilusão
E no fim de semana beber até cair no chão
Embora aflito o pobre se acaba em três dias
E mal sabe quem foi o pecefarias
O jornal é uma ambição de leitura tamanha
Que o importante mesmo é quando a mulher se arreganha
Mas olha, meu bem, a vida tem coisas mais puras
Algumas pessoas são santas criaturas
Não adianta, que deus, se existe, é ateu
Não interessa se você é macumbeiro ou judeu
Eu bem que te disse pra você não nascer
Mas na verdade tua sina foi me desobedecer
Pelo menos nascesse no asfalto
E não por sobre o basalto
Agora pra que reclamar se a vida vai te consumir até o fim?
Vai levando: rouba, mata, estupra, mas não me olha assim
E esse papo de violência é jogo de cena
O bom mesmo é torcer pra ganhar na dezena
Eu te disse que viver é sofrer
Mas você, teimosão, não quis ver.

Rio, 1994.

O RELÓGIO

Por mais que o relógio me diga que são horas de dormir
Eu não consigo parar de sentir
Vejo as horas passarem
Os meus sonhos voltarem
E a vida se esvai num bloco imenso de palavras berradas em silêncio na noite alva do papel reciclado
O relógio não para de me mostrar que eu estou atrasado pro sono
O amanhã, me diz ele, não espera
É implacável como a dor no fígado
Insaciável como a pungente fome do amor
Enfim,
Por mais que o relógio cumpra sua função ingrata de me horrorizar
Eu vou continuar a tentar registrar
Buscar
Encontrar
A palavra exata que define esta noite quente, saborosa e irritante
(Porque a verdadeira poesia tem um quê de contradição)
A vida é inquieta, e por que não dizer conflitante
O que eu quero mesmo é viver
A sombra de um eterno acontecer
O relógio me olha assustado à meia-noite
Hora do vampiro comedor de sangue quente
Alegoria ferina e insondável da paixão inteligente e ardente
Olha, relógio, vai dormir sossegado
E quanto a mim, eu entendi o recado
Agora me deixa sonhar acordado
Com a palavra que não veio – um pecado!

Rio, 1994.

DOIS POEMAS ATITULARES

Amor, eu confesso:
Eu pequei.
Me dormi, desatento,
E contigo não sonhei.
Me perdoa,
Que o perdão abre as portas do céu.
E eu prometo amanhã te abraçar em anel.

*

Copyright

Corre o mundo que não para jamais
 À espera de nosso viver eficaz

Hoje um passarinho morreu ao levantar voo
 E uma cigarra não cantou na encruzilhada
 É o destino a se fazer presente
 É a morte do ser que chega desavisada
 Não, a rima não é mais necessária
 O ser se basta, em vida, com o celular
 Também a esperança se encontra desnuda
 Com o eterno ar de mais uma segunda-feira

Passa a vida que não tem que fazer
 A não ser nos mover da alegria ao sofrer

Hoje um pensamento bom se tornou estrela cadente
 Mas era só um desejo de uma casa no campo
 Com sacada e rede e suco de goiaba vermelha
 É o livre-pensar que, solto, vai singrando os nove mares da imaginação
 Tentando avisar aos marujos da vida
 Que a hora é essa
 Que a hora interessa
 Que a hora tem pressa
 E o amanhã não regressa

Passa o porém que apazigua o embate
 Entre deus e o diabo, o que rosna e o que late

De onde surge a incoerência?
 Pra onde leva a sapiência?
 O ser se engana se se contenta
 Com as respostas que ao fim lamenta
 Na verdade a existência é pôr e tirar
 O pobre não tem o que o rico esbanja
 Uns comem a carne e outros tomam a canja

Por cima o Cristo
 Por baixo a mulher
 Primeiro a demência
 Depois a colher

Detém-se a criança que não sabe escolher
 À espera do adulto que não sabe fazer.

Rio, 1994.

CARPE MOMENTUM

Há um momento
De resolução
Antes o tormento
Depois a absolvição

Na vida de dois amantes há um momento de opção
transição
atenção

É a hora de pesar a falta que faz
o menos do mais
o beijo por trás
a força da paz

O momento, passado, não repõe o futuro
não clareia o escuro
não derruba o muro

O momento, vivido, confere substância ao amor
cobra as premissas da dor
confirma a tonalidade da cor

Há um momento onde o resgate é possível
Como se fosse o transpor da tormenta imbatível
Perdido o momento,
Que se calem as almas
O porvir é incógnita
Suprassumo do acaso

Portanto há que se encarar o momento decisivo do amor
O desafio maior das grandes paixões
A fuga e o medo se impõem
A insegurança e o fracasso supõem

A vida ajuda
A quem batalha
O destino separa
Quem encalha

O amor só respeita
Quem enfrenta
Desconsidera
Quem se senta

Há um momento
Um só momento
Abracem o momento, ó jovens casais
Ou então, pode ser tarde demais.

LÓGICA

Não se conta a natureza
Não se forja uma flor
Não se come a beleza
Não se compra o amor.

Não se une água ao vinho
Não se ausenta o presente
Não se aumenta o caminho
Não se muda o poente.

Então,
Por que ser assim
Você,
Longe de mim?

Rio, 1994.

Copyright

PEQUENO RESUMO DA CONDIÇÃO ATUAL DO POVO BRASILEIRO

Somos a escória
De uma luta inglória
Um povo imerso na miséria

VERSUS

Um governo envolto na pilhéria
Sina triste a deste populacho
Correr e não poder chegar
Comer e não poder crescer
Querer e não poder pagar
Viver e não poder fazer

Somos a antivitória
De uma velha história
O poder da realeza
No estoicismo da pobreza

Pois o governo é mercantil
E o povo,
Fodido,
Que vá pra puta que o pariu!

Rio, 1994.

Copyright

NATAL

Minha solidão é irreversível
Meu desgosto indiscutível
Passam os casais cheios de amor na noite tépida
Ficam os meus ais cheios de dor na fronte gélida
O ser me chora
Um eterno agora
O pavor é irrefutável
A insegurança, inigualável
Se ao menos tocasse um instrumento
Se projeção global tivesse
Se o corpo me fosse invejável
Ou a fama companhia procurável
Se soubesse, que fosse, fazer versos
A existência passaria mais tranquila
Ao deus que não existe peço um socorro derradeiro
E me contraio como à vista do coveiro
Minha vida parece um desperdício
De momentos, atitudes e bulício
Se morrer, não chorarão a minha morte
Se viver, continua a peleja com a sorte

Pai Nosso que estais no céu
Acaba com tamanha hipocrisia
Teu nome enfeita a entrada do bordel
E até hoje não acabaste com o do mundo fel
Enfia, pois, o galo e o peru
Lá dentro,
Bem lá dentro
...

Rio, 1994.

PUNGENTE

Espelho espelho meu
Existe alguém
Mais desgraçado do que eu?

Tua sombra
Que, mais que abandonada,
Não consegue
De ti ser apartada.

Rio, 1994.

Copyright

PRÉ-SONO

Ah, seja lá o que for
Ajudai-me a sempre usufruir
Da paz de poder dormir
Algumas horas em uma cama
Como no depois de quem ama
Sentir os músculos doridos
Rever o dia vivido
E penetrar suavemente
No mundo desconhecido e impenetrável do sono
Fazer dele conscientemente o meu dono
E torcer
E esperar
E pedir
Para sonhar
Com o que quer que seja
A ação na inação
Mistério pavoroso da incompreensão da vigília
Ah, que meu agora se dilui na incerteza do amanhã
A semiconsciência amolece a resistência
E o ser é sugado irreversivelmente
Docemente
Paulatinamente
Alijado da vontade do existir
O jazer que é partir
O pensamento não detecta o momento da desconexão
Começam as embaçadas associações
E vem o alívio das tensões
E depois,
E depois...

Rio, 1994.

POSTULADO

Não se resgata o elo perdido
Quando muito se começa nova história
Não que se apague todo o sentido
Mas a junção da ruptura é ilusória.

Rio, 1994

Copyright

NOCTÍVAGO SOLITÁRIO DE PLANTÃO

A escuridão e a solidão do meu quarto
Me dão a certeza da opção acertada
É como o acalantar de um parto
A felicidade eternamente renovada

Não me assaltam inclinações suicidas
Tampouco insônias incuráveis
Às vezes um suspiro mais profundo
Em outras, palavras indecifráveis

Aproveito de mim mesmo o que posso
E dos outros observo o proceder
Não me podem acusar de inativo
Só da insistência em viver.

Rio, 1994.

Copyright

PORQUE A VIDA SE IMPÕE AO POETA

O poder excita
O amor pode matar
O juiz apita
E o poeta quer falar.

A ilusão adia
A doença prolifera
A lente amplia
E a justiça desespera.

Como esperar o pão de cada dia que não vem?
Onde apoiar o cotovelo tão cansado da viagem?
A filosofia não explica as questões mais profundas
Só apresenta soluções estapafúrdias ou respostas moribundas.

O que pensar do ser?
Pra que beber o mar?
A vida se basta em si mesma
E se bastando já é bastante divagar.

O bêbado se aproxima do balcão e implora por um copo de perdão
A mulher sorri no seu batom à verborragia do galante de plantão
São avatares
São pesares
O mundo é um eterno repetir de personagens
De situações, de gestos, de roupas e paisagens
Só o poeta não se cansa de observar a variedade
E aprender com o dia a dia enfadonho da cidade.

Mas o povo anda tão triste ultimamente
As palavras tão escassas
O verso tão ausente...

Rio, 1994.

POEMA CURTO DO RIO DE JANEIRO

Fui
Passear
E voltei
Sem polegar.

Rio, 1994.

POEMA CURTO DO BRASIL

O País
Nunca foi muito melhor
Porém
Nunca esteve tão pior.

Rio, 1994.

Copyright

FÁBULA DA GAZELA QUE QUERIA SER RAINHA DA FLORESTA
E MORREU AFOGADA NO CAMINHO DE CASA,
APÓS UMA BEBEDEIRA QUANDO RECUSOU UMA PROPOSTA
PARA SER VENDEDORA DE COSMÉTICOS

?

!

FIM.

Rio, 1994.

Copyright

CONSTATAÇÃO

Ah, que saudade
Da Joaquina
Quando eu ia,
Ela já vinha.

Ah, que saudade
Dos poemas de outrora
Que não falavam besteira
Como os de agora.

Rio, 1994.

Copyright

PERGUNTA COMPULSIVA

Por que me desorientas
Com tua partida?
És só uma mulher!...

Por que me abandonas
À minha pobre sorte?
És só uma mulher!...

Por que retiras de mim
Toda a noção do tempo?
És só uma mulher!...

Por que aspiras
De minha vida
Toda a luz de que dispunha?
És só uma mulher!...

Por que me feres
Com tua ingratidão?
És só uma mulher!...

Por que me deixas louco
Com toda essa paixão?
És só uma mulher!...

Por que me fazes sofrer
Com essa separação?
És só uma mulher!...

Por que me fazes
Querer morrer
Com tua ausência?
És só uma mulher!...

Por que o gosto amargo
Que trago em meu viver?
És só uma mulher!...

Por que não sinto diferença
Nos dias e nas noites?
És só uma mulher!...

Por que não dás valor
A toda nossa história?
És só uma mulher!...

Por que me deixas cego
Para tudo o mais na vida?
És só uma mulher!...

Por que me aniquilas
Ao me dissuadires
De que és só minha mulher?

Por que me fazes pensar
Que para me vingar
Preciso convencer-me
De que és só uma mulher?

Por que a sensação
Lá dentro do meu peito
De que és a única mulher?

Rio, 1994.

Copyright

POEMAS GRAMATICAIS

1. O plural de tesão
é calor;
pedaço do céu
é amor.
2. O feminino de mim
é ti;
o contrário de longe
é aqui.
3. Alegria
substantivo abstrato;
que se irradia
no teu contato.
4. Um verbo inventado,
politicar;
seu sinônimo,
do povo roubar.
5. O antônimo de vida
é morte;
esperar,
não há quem suporte.
6. Verbo abundante
é uma mulher safada;
linda e gostosa
por trás enlaçada.
7. Voz passiva
é o povo;
tem a galinha
e não come o ovo.
8. Adjetivo pra polícia:
assassina;
o que se faz com ela?
Extermina!
9. Literatura
é um livro aberto;
traz o sentimento humano
pra mais perto.
10. Neologismo,
invenção;
ponto final,
pensação.

APÓS A NONA DE BEETHOVEN

Qual deve ser a sensação de tocar a nona de Beethoven num teatro enorme frente a um grande público que levanta e bate palmas?

E grita Bravo!?

Perguntas inaudíveis

Talvez irrespondíveis

Influenciadas

Por membros de uma orquestra importante

Enquanto o chope faz efeito

À mesa de um bar da Cinelândia

Homenagem a uma gente destacada

E no entanto bravamente ignorada

Pois aqui o garçom é um retrato mal feito do maestro às avessas

E o poema se termina no começo.

Gênios que sequer têm endereço.

Ou apreço.

Rio, 1994/1995.

Copyright

DUELO

O sono insiste
 O querer resiste
 O cansaço pede
 O desbravar não cede

Sono que quer dormir o ser exausto
 Querer que se impõe na noite quente adentro
 Cansaço que se faz peso no arder dos olhos
 Desbravar de sentimentos estertorados em palavras obrigatórias

A musa ordena
 Ao poeta a pena
 O amor sugere
 E o trabalho fere

Musa que obriga o artista a tentar traduzir seu pensamento
 Poeta que, servil, dialoga emudecido com as impressões do espírito
 Amor que opera as maravilhas da vida na Terra
 Trabalho que embota a veia artística e narcísica dos pintores de emoções

A labuta de adaptar a sensação às palavras conhecidas
 O segredo da configuração
 Inoportuna ostentação
 Pois todo artista é um pouco incompreensível
 Caudilho vexadamente submisso à vaidade da dama exigente
 prepotente
 insatisfeita
 rarefeita

O poeta é obediente
 À sua tarefa inglória

(Que tudo se acaba em pensamento!)

O sono insiste
 O querer desiste
 O ser vencido
 Coração partido
 O peito arfante
 A incapacidade triunfante
 Duelo injusto

De um lado a emoção irreprimível
 De outro a palavra indizível

(Que toda emoção no fundo morre na palavra!)

DECLAMATIVAMENTE

Eu
Definitivamente
Irrefutavelmente
Decididamente
Indubitavelmente
Compulsivamente
Desbragadamente
Arrebatadoramente
Venenosamente
Certamente
Maravilhosamente
Vultuosamente
Enraivecidamente
Humildemente
Dengosamente
Chamegosamente
Continuadamente
Eternamente
Primordialmente
Acorrentadamente
Perfeitamente
Cosmologicamente
Microscopicamente
Embevecidamente
Privativamente
Suculentamente
Fastidiosamente
Sorrateiramente
Massageadamente
Cegamente
Apelativamente
Instintivamente
Militarmente
Rebuscadamente
Obstinadamente
Essencialmente
Irreversivelmente
Renegadamente
Subliminarmente
Sensatamente
Cosmeticamente
Desgraçadamente
Sensitivamente
Mesmerizadamente
Despojadamente
Compulsoriamente
Saltitantemente
Sensualissimamente
Luzidiamente
Aparvalhadamente

Topicamente
Lamuriosamente
Vulcanicamente
Sifiliticamente
Amparadamente
Sequestradamente
Cariadamente
Reveladoramente
Coordenadamente
Subordinadamente
Sussurradamente
Fricativamente
Provincianamente
Insolitamente
Insalubremente
Onanisticamente
Tropegamente
Enlatadamente
Subitamente
Derrepentemente
Velhaguardadamente
Curvadamente
Declinadamente
Inclinadamente
Inquisitivamente
Inquisidoramente
Inquisitorialmente
Inovadoramente
Rutilantemente
Poeticamente
Gnosticamente
Agnosticamente
Irrefletidamente
Invasivamente
Invasoramente
Simbioticamente
Paqueradamente
Sodomiticamente
Tribadismicamente
Voyeuristicamente
Coqueirinhamente
Encapôzadamente
Devestidabertosemtirarmesmoquégostosamente
Decalçarriadamente
Debruçadamente
Sobreretremente
Beiraleitemente
Invariavelmente
Onipotentemente
Felinamente
Femininamente
Machisticamente

Adoismecidamente
Concupiscentemente
Concubinamente
Desafiadoramente
Intuitivamente
Dendriticamente
Antropomorficamente
Gimnopedicamente
Cardiologicamente
Apelidadamente
Astrologicamente
Romanticamente
Abençoadamente
Apregoadamente
Veramente
Impressamente
Imorredouramente
Futebolisticamente
Desveladamente
Desastradamente
Horariamente
Hipnoticamente
Enlouquecidamente
Melindrosamente
Julietamente
Bestialmente
Bestamente
Insidiosamente
Sempremente
Culinariamente
Samaritanamente
Hospitalarmente
Fanaticamente
Apaixonadamente
Temerariamente
Penhoradamente
Ostensivamente
Aviltadamente
Viralatamente
Agressivamente
Candidamente
Amorosamente
Entrelaçadoramente
Desequilibradamente
Malsãmente
Viabilizadamente
Mercadologicamente
Valsadamente
Horrendamente
Meladamente
Sofisticadamente
Propagandisticamente

Elegantemente
Enciclopedicamente
Macambuziamente
Jactanciosamente
Afobadamente
Aprazivelmente
Irreconhecidamente
Estrepitosamente
Doravantemente
Ruidosamente
Positivamente
Subrepticamente
Desditosamente
Infantilmente
Infantilizadamente
Infantilizadoramente
Bacterianamente
Lambidamente
Apascentadamente
Pacificadoramente
Estoicamente
Zelosamente
Inventivamente
Gluttonnemente
Encimamente
Embaixamente
Cautelosamente
Romantizadamente
Decoradamente
Imagisticamente
Cuneiformemente
Versejadamente
Cordialmente
Umidamente
Umificadoramente
Socialmente
Irrevogavelmente
Refogadamente
Primitivamente
Vulgarmente
Boquiabertamente
Boquifechadamente
Amadurecidamente
Pensadamente
Descompassadamente
Teatralmente
Travessamente
Cavernosamente
Peremptoriamente
Mornamente
Conspicuamente
Pacientemente

Solitariamente
Açucaradamente
Guturalmente
Interiormente
Exclusivamente
Egoisticamente
Telescopicamente
Fragmentariamente
Refrigeradamente
Desportivamente
Soluçantemente
Completamente
Estremecidamente
Terrivelmente
Estabilizadoramente
Panteisticamente
Unificadamente
Bifurcadamente
Apoteoticamente
Maximizadamente
Regressivamente
Reverberadamente
Acentuadamente
Poderosamente
Fantasmagoricamente
Cremosamente
Resolutamente
Revolucionariamente
Funkeiramente
Termostaticamente
Venezianamente
Regozijadamente
Reconditamente
Rejuvenecedoramente
Telefonicamente
Sorumbaticamente
Dantescamente
Disciplinarmente
Disciplinadamente
Disciplinadoramente
Eloquentemente
Objetivamente
Subjetivamente
Politicamente
Patologicamente
Comunicativamente
Clandestinamente
Curricularmente
Famintamente
Altivamente
Declaradamente
Combalidamente

Abundantemente
Buliçosamente
Imbecilizadamente
Veladamente
Publicamente
Perspicazmente
Desavergonhadamente
Cenicamente
Cinicamente
Furtivamente
Antediluvianamente
Homenageadamente
Portentosamente
Administrativamente
Angelicamente
Cinematograficamente
Monstruosamente
Epicuristicamente
Decotadamente
Saudosamente
Culturalmente
Reverenciadamente
Intelectualmente
Desodorizadamente
Espiritualmente
Precipuamente
Corporalmente
Confessadamente
Galantemente
Druidicamente
Bronzeadamente
Cubisticamente
Biologicamente
Jalousemente
Parcimoriosamente
Interativamente
Aprioristicamente
Enriquecedoramente
Estrategicamente
Absolutamente
Pormenorizadamente
Avassaladoramente
Detalhadamente
Ajoelhadamente
Deitadamente
Mineiramente
Helenicamente
Globalmente
Oniricamente
Intrinsecamente
Eletrizadamente
Ajuizadamente

Relutantemente
Obsidiadamente
Desajuizadamente
Adiadamente
Discursivamente
Deverasmente
Neologicamente
Alteradamente
Linguisticamente
Frutificadamente
Etereamente
Eruditamente
Didaticamente
Incoerentemente
Chauvinisticamente
Marcialmente
Masculinizadamente
Marcianamente
Bucolicamente
Vagabundamente
Contextualizadamente
Tostadamente
Folcloricamente
Departamentalizadoramente
Febrilmente
Demolidoramente
Devastadoramente
Sinistramente
Inantidesestablishmentadorialmente
Antiinconstitucionalizadorissimamente
Evasivamente
Animicamente
Inospitadamente
Invulgarmente
Corrompidamente
Computadorizadamente
Criativamente
Molhadamente
Secamente
Desembaraçadamente
Hospitaleiramente
Assimetricamente
Antipaticamente
Salinamente
Suadamente
Suburbanamente
Extrinsecamente
Polarmente
Bipolarmente
Mordidamente
Conssubstanciadamente
Sabotadamente

Envelopadamente
Sinfonicamente
Avidamente
Incendiariamente
Abjuradamente
Totalitariamente
Pudicamente
Tonicamente
Fonicamente
Avaramente
Fornicadamente
Restritivamente
Malemolentemente
Alcoolizadamente
Trovejantemente
Pestilentamente
Inseparavelmente
Federativamente
Desestabilizadoramente
Compassadamente
Logisticamente
Flagrantemente
Flanadoramente
Teluricamente
Frugalmente
Mediatamente
Imediatamente
Temporalmente
Obrigatoriamente
Integralmente
Comercialmente
Conturbadamente
Perfumadamente
Devotadamente
Torrencialmente
Diabolicamente
Sabiamente
Prazerosamente
Alinhavadamente
Desgovernadamente
Comedidamente
Brandamente
Pipoqueiramente
Luminosamente
Retamente
Judicialmente
Improvisadamente
Desvanecidamente
Enternecidamente
Picarescamente
Prostituidamente
Novelescamente
Romanceadamente

Cronicamente
Alimentadamente
Brutalmente
Relativamente
Disfarçadamente
Despudoradamente
Desaforadamente
Felizmente
Indiscutivelmente
Balisticamente
Devidamente
Deleitosamente
Pedantemente
Epistemologicamente
Orgulhosamente
Drasticamente
Politizadamente
Comprovadamente
Abraçadamente
Faveladamente
Rudimentarmente
Necessitadamente
Desmesuradamente
Psicologicamente
Biblicamente
Airosamente
Ludicamente
Tonitroantemente
Sinuosamente
Drivinescamente
Trovadorescamente
Hermeneuticamente
Cortesmente
Logotipicamente
Prepotentemente
Eletrificadamente
Indagoramente
Gravidamente
Valentemente
Demonstrativamente
Legalmente
Ilegalmente
Lascivamente
Obcecadamente
Ramelentamente
Topograficamente
Uterinamente
Babadamente
Francamente
Literariamente
Literalmente
Mauhalitosamente
Energicamente

Espevitadamente
Hipodermicamente
Associadamente
Associativamente
Descortinadamente
Descobridoramente
Desbravadoramente
Interminavelmente
Intermitentemente
Friamente
Chuvosamente
Renitentemente
Primorosamente
Compridamente
Sublimemente
Exultantemente
Tropicalmente
Sombriamente
Sobriamente
Escarafunchadamente
Dentifricialmente
Teimosamente
Ipsofactamente
Emboramente
Arrivisticamente
Cambalaxeiramente
Popularescamente
Intestinamente
Eletronicamente
Emburradamente
Concomitantemente
Maniqueisticamente
Gabaritadamente
Desnecessariamente
Holisticamente
Subterraneamente
Encervejadamente
Madrugadoramente
Bebadamente
Diretamente
Menstruadamente
Curiosamente
Putanescamente
Calidamente
Autoritariamente
Descaracterizadamente
Embotadamente
Humoristicamente
Enegrecidamente
Vibrantemente
Entrevadamente
Desnudadamente
Nuamente

Sarcasticamente
Decalcinhamente
Sencalcinhamente
Cruamente
Ensopadamente
Redondamente
Doentemente
Imotivadamente
Horripilantemente
Honestamente
Explosivamente
Devassadamente
Desopiladamente
Dominadoramente
Exploradoramente
Submissamente
Cerebralmente
Apropriadamente
Umbilicalmente
Potencialmente
Convulsivamente
Inusitadamente
Humilhantemente
Engatadamente
Abrasadoramente
Vertebralmente
Celestialmente
Resistentemente
Parcialmente
Pachorrentamente
Violentamente
Obtrusamente
Inclusivamente
Retornadamente
Abstrusamente
Preliminarmente
Posfaciadamente
Prefaciadamente
Tambémente
Inmediasresmente
Obedientemente
Despoticamente
Agourentamente
Veneradamente
Estultamente
Risonhamente
Ortodoxamente
Obliquamente
Histericamente
Histrionicamente
Nobrementemente
Absurdamente

Pusilanimemente
Transcendentalmente
Enevoadamente
Graniticamente
Aniveldemente
Nósvaimente
Simpaticamente
Cotidianamente
Dechicomente
Eventualmente
Potentemente
Escrupulosamente
Inescrupulosamente
Alegoricamente
Caridosamente
Encarecidamente
Caprichosamente
Esmolambadamente
Envenenadamente
Imobilizadamente
Dadivosamente
Enamoradamente
Constantemente
Solidamente
Derretidamente
Urbanamente
Motorizadamente
Cabalisticamente
Contritamente
Diafanamente
Vivificadamente
Cirurgicamente
Ginecologicamente
Castiçamente
Escorreitamente
Hedonisticamente
Simplesmente
Totalmente
Convergentemente
Mortalmente
Sincronicamente
Diacronicamente
Anacronicamente
Etimologicamente
Cimentadamente
Cementadamente
Temperadamente
Desusadamente
Desabusadamente
Bregamente
Abrilhantadamente
Amanteigadamente
Defrentemente

Portrasmente
Lateralmente
Sofregamente
Carnavalescamente
Carnavalizadamente
Anualmente
Analmente
Retroativamente
Iluminadamente
Estreladamente
Estelaramente
Coerentemente
Crucificadamente
Soniferamente
Abrangentemente
Tumultuadamente
Paradoxalmente
Infernalmente
Retrogradamente
Abrasivamente
Camufladamente
Promiscuamente
Decrepitamente
Vetustamente
Inebriantemente
Deambulatoriamente
Convalescentemente
Recheadamente
Debochadamente
Ensanduichadamente
Convertidamente
Depravadamente
Quadridimensionalmente
Elevadamente
Coloridamente
A vessamente
Mercurialmente
Destruidoramente
Esmagadoramente
Hipoteticamente
Hiperestaticamente
Ruminantemente
Broncamente
Lupiscinicamente
Procrastinadamente
Assepticamente
Assassinamente
Suicidamente
Esclerosadamente
Ionicamente
Filtradamente
Vaidosamente
Corruptoramente

Degeneradamente
Degenerativamente
Mediunicamente
Cardecistamente
Endemoninhadamente
Iconoclasticamente
Idolatradamente
Catolicamente
Evangelicamente
Budisticamente
Flordelótusmente
Tudoavermente
Nadavermente
Sacoplenizadamente
Saudadivosamente
Maneiramente
Maneiristicamente
Goghianamente
Boschianamente
Retesadamente
Protendidamente
Enclausuradamente
Cristalinamente
Ensaboadamente
Gradualmente
Gradativamente
Folhetinescamente
Hustlerianamente
Fotograficamente
Bonifriticamente
Marioneticamente
Sinonimamente
Fractalmente
Flatulentemente
Vaselinicamente
Cozidamente
Costuradamente
Reiteradamente
Emputecidamente
Boquetinicamente
Masturbatorialmente
Trigozenicamente
Pentagozenicamente
Multigozenicamente
Uivantemente
Estridentemente
Enrouquecedoramente
Apossadamente
Alagadamente
Meianovenamente
Novamente
Transparentemente
Desvestidamente

Emboladamente
Apertadamente
Translucidamente
Enroupadamente
Emperiquitadamente
Exclamativamente
Depauduradamente
Pornograficamente
Pornochanchadisticamente
Dedenfiadamente
Submetidamente
Retroalimentadamente
Saradamente
Brotadamente
Gatadamente
Abraçapertadoramente
Milanesamente
Milanésmente
Estocadamente
Sharonstonteantemente
Norteadoramente
Desnorteadoramente
Angulosamente
Angularmente
Complementarmente
Replementarmente
Suplementarmente
Retributivamente
Apaziguadamente
Gozosamente
Afagadamente
Bolinadamente
Xavascadamente
Enterradamente
Entresaidadamente
Obnubilosamente
Ejacularmente
Espumantemente
Fesceninamente
Desfalecidamente
Esgotadamente
Sudoresicamente
Espasmodicamente
Waterloozamente
Belicamente
Keithjarrettianamente
Keithrichardianamente
Rollingstoneadamente
Prasempremente
Chapadamente
Rushdianamente
Yvesaintlaurentianamente
Momixianamente

Postergadamente
Endeusadamente
Sacanamente
Shakespearianamente
Requentadamente
Cumulativamente
Bundamente
Clitorianamente
Labialmente
Leitosamente
Esporradamente
Amamentadamente
Chupadoramente
Assadamente
Arreganhadamente
Decubitoventralizadamente
Decubitodorsalizadamente
Feridamente
Ferinamente
Perenemente
Niveamente
Revolvidamente
Persiguidamente
Encontradamente
Acampadamente
Drogadamente
Maconhadamente
Fraudentemente
Intumescidamente
Pubicamente
Interinamente
Intrauterinamente
Diariamente
Anoitecidamente
Bordelizadamente
Lupanariamente
Calçadanizadamente
Puteiramente
Cobradoramente
Exclusivisticamente
Possuidoramente
Possessivamente
Protegedoramente
Protegidamente
Paizonamente
Mãezonamente
Empémente
Dequatromente
Geograficamente
Pesquisadoramente
Esquadrinhosamente
Amarelinhamente
Informatizadamente

Carinhosamente
Afetuosamente
Afetadamente
Frufruzadoramente
Skankaradamente
Sarasateanamente
Dylanescamente
Emamonadamente
Mozarteanamente
Debussianamente
Debucetadamente
Kitchenettianamente
Amplexarmente
Yardbirdianamente
Woodstockianamente
Cockerianamente
Roqueiramente
Ritaleeanamente
Zabumbadamente
Empedernidamente
Cariocamente
Carioquesmente
Amadamantemente
Testicocefalamente
Penoscopicamente
Alémtumularmente
Famelicamente
Vadiamente
Constabulariamente
Hermeticamente
Adiabaticamente
Rubicundamente
Pudoratentatoriamente
Representativamente
Psicoticamente
Psicodelicamente
Putrenfaticamente
Satanicamente
Ponteagudamente
Cistiticamente
Uretriticamente
Abracadabradoricamente
Encaloradamente
Acaloradamente
Fermentadamente
Condicionairizadamente
Buenosairosamente
Tangueadamente
Eroticamente
Macarronadamente
Mentalizadamente
Malcheirosamente
Lubricadamente

Mundanamente
Subjacentemente
Vandalizadamente
Ptosebucalmente
Atenciosamente
Carentemente
Docedeleitamente
Diuturnamente
Antenadamente
Ronronantemente
Venereamente
Empoleiradamente
Sambaenredularmente
Sambacañanizadamente
Genuinamente
Aristotelicamente
Ensofazadamente
Hospedeiramente
Encimadapiamente
Parasitosamente
Sobremesamente
Sobreamesamente
Deviradamente
Emendadamente
Varadamente
Despirocadamente
Repetidamente
Tautologicamente
Incessantemente
Embucetadamente
Redundantemente
Enrabadamente
Lambisgoiamente
Cafajestemente
Biltremente
Nãovalenadamente
Àcachorrinhamente
Acachorradamente
Apoiadamente
Aboletadamente
Gigolorizadamente
Cafetinamente
Empaladamente
Arrepiadamente
Rascantemente
Apocrifamente
Pagodeadamente
Faunicamente
Voluptueusementemente
Atabalhoadamente
Metidamente
Enfiadamente
Vibratoriamente

Saramagnanimamente
Tremendamente
Tabulasalvationemente
Plenilunaticamente
Arranhadamente
Peçonhentemente
Retratadamente
Enquadradamente
Quadradamente
Retrogradativamente
Hodiernamente
Vulvarmente
Devagarinhamente
Parvaportamente
Cavalgadamente
Imprescindivelmente
Insubstituivelmente
Dependentemente
Piranhamente
Galinaceamente
Enredadamente
Calculadamente
Estapeadamente
Tapinhadamente
Acariciadamente
Pensativamente
Bellépoquemente
Paícanamente
Louvrentemente
Nasamente
Giocondamente
Picassadamente
Zoadamente
Diferentemente
Variadamente
Destemidamente
Cabralinamente
Entregadamente
Honorificamente
Totemizadamente
Idealizadamente
Alteriginexenofobicamente
Inteligentemente
Cinelandicamente
Rapidinhamente
Coelhinhamente
Penitentemente
Impiamente
Desreguladamente
Alucinadamente
Alucinogenamente
Arborizadamente
Urbanizadamente

Modorrentamente
Forçadamente
Abastadamente
Joãosemto stanamente
Inexplicavelmente
Contraditoriamente
Ovuladamente
Tepemeretrizadamente
Encolhidamente
Recolhidamente
Discretamente
Segredadamente
Sigilosamente
Escondidamente
Escapadamente
Comtodomundona festivamente
Nobanheiromente
Naescadamente
Descomunalmente
Ensurdecedoramente
Exponencialmente
Logicamente
Ilogicamente
Antonimamente
Analogicamente
Digitalizadamente
Referencialmente
Recrudescidamente
Ditatorialmente
Servilmente
Sensibilizadamente
Coradamente
Envergonhadamente
Enxovalhadamente
Atéocabomente
Blavatskianamente
Platonicamente
Trombadamente
Caramarradamente
Judiciosamente
Analisadamente
Analisandamente
Auêzadamente
Tebotodequatronoatadamente
Rodabaianamente
Embarracadamente
Insensatamente
Maritalmente
Devezemquandomente
Protozoariamente
Dinossauricamente
Trogloditamente
Pterodactilicamente

Plugadamente
Internauticamente
Fornicalterizadamente
Desengonçadamente
Sódandoforamente
Peidorreiramente
Abominavelmente
Xuxanizadamente
Sadicamente
Instintoselvagemente
Francesamente
Decamisinhamente
Descamisadamente
Tesãmente
Nãoestandoafinadamente
Graciosamente
Nociosamente
Ciosamente
Chorosamente
Traidoramente
Reconciliadamente
Descasadamente
Adulteramente
Descompromissadamente
Desabrigadamente
Prejudicialmente
Abelharainhamente
Mematadegozadamente
Esplendorosamente
Tuedemaisiadamente
Penetradamente
Inertemente
Prostradamente
Nãoaguentomaisporojemente
Sanguinolentamente
Tatuadamente
Enciclicamente
Papaumente
Sucedaneamente
Rancorosamente
Filhadaputamente
Mentirosamente
Mendaciosamente
Armadoramente
Bisbilhoteiramente
Fuçadamente
Biscateiramente
Pistoleiramente
Paranoicamente
Pitnicamente
Priapicamente
Sabinicarraptadamente
Sumariamente

Singelamente
Atropeladamente
Apesardemente
Obturadamente
Jusantemente
Vazantemente
Vasosanitariamente
Heterossexualmente
Fantasiadamente
Fantasiosamente
Duplosensoriamente
Shoppingcenterianamente
Domingueiramente
Póstrabalhosamente
Determinadamente
Determinantemente
Happyhourmente
Sóminhamente
Sóteumente
Enviesadamente
Cozinheiramente
Porbaixodoaaventalizadamente
Comóleodecuzinhamente
Desproporcionadamente
Incomensuravelmente
Tanquemente
Abortadamente
Fellatiosamente
Barganhadamente
Afiaçadamente
Cefaleicamente
Enxaquecadamente
Despreocupadamente
Ambivalentemente
Pontofinalmente
Semdiscussãmente
Antropologicamente
Antropocentricamente
Disruptivamente
Opinadamente
Cêssófazmerdamente
Meoproblemizadamente
Inopinadamente
Simbolicamente
Rotineiramente
Sexshopemente
Arretadamente
Porretamente
Adolescentemente
Ideologicamente
Ideologizadamente
Juvenilmente
Rejuvenescidamente

Caqueticamente
Quimicamente
Quimioterapicamente
Desenganadamente
Enganosamente
Iludidamente
Ilusoriamente
Ilusionisticamente
Magicamente
Sonhadoramente
Principencantadamente
Purgatorialmente
Enfezadamente
Encalacradamente
Embagulhadamente
Engordadamente
Emagrecidamente
Amareladamente
Emicadamente
Livrescamente
Principescamente
Vassalarianamente
Escravidadamente
Escravidadoramente
Senhorialmente
Denegridamente
Insustentavelmente
Calamitosamente
Entaladamente
Vomitadamente
Aliviadamente
Renovadamente
Reforçadamente
Epidermicamente
Galvanicamente
Galvanizadamente
Anabolizadamente
Secretamente
Secretadamente
Excretadamente
Cochichadamente
Insinuadamente
Raspadamente
Indepiladamente
Operadamente
Quarentenizadamente
Resguardadamente
Atrasadamente
Antecipadamente
Avançadamente
Modernamente
Decabeçadamente
Depontacabeçadamente

Descabaçadamente
Desvirginizadorizadamente
Sodeolharexcitadamente
Doidivanamente
Quadriventanamente
Aleatoriamente
Rudemente
Atrozmente
Pósestruturalisticamente
Pósmodernamente
Préhistoricamente
Mirabolantemente
Elucubratoriamente
Gladiatoricamente
Malandramente
Espertamente
Aboriginemente
Salgadamente
Organicamente
Visceralmente
Maleducadamente
Malcriadamente
Dopadamente
Macumbeiramente
Seresteiramente
Escandalosamente
Dicionarizadamente
Cubalibrememente
Telefericamente
Tiramãodaímente
Vencádamemente
Deixadebabaquicemente
Cudocemente
Carameladamente
Brigadeiramente
Carametadamente
Precocemente
Holofotemente
Anodicamente
Halogenamente
Luminariamente
Ensaiadamente
Desensaiadamente
Inensaiadamente
Saiarasgadamente
Prontamente
Festivamente
Sutiãnamemente
Sutilmente
Impressionantemente
Impressionisticamente
Boleristicamente
Desentendidamente

Importadamente
Encostadamente
Decostadamente
Empunhadamente
Socadoramente
Secadoramente
Bronhadamente
Caçadoramente
Dianamente
Cançadamente
Dançadamente
Desabotoadamente
Relaxadamente
Palavronicamente
Arrotadamente
Verbosamente
Latinamente
Ladinamente
Latidamente
Helenisticamente
Unamente
Unhadamente
Facialmente
Fundamente
Efluviamente
Notoriamente
Conflituosamente
Papelhigienicamente
Manolencadamente
Aindamente
Fragorosamente
Apocalipticamente
Trombeteiramente
Zombeteiramente
Quilombarmente
Zumbizadamente
Destoadamente
Rebuçadamente
Asfalticamente
Rodoviarriamente
Maritimamente
Aereamente
Anafilaticamente
Fluidicamente
Encoleiradamente
Bombasticamente
Epistolarmente
Solenemente
Lunaticamente
Freneticamente
Dedetizadamente
Bocejadamente
Enfuscadamente

Enfocadamente
Enforcadamente
Sufocadamente
Labiodentalizadamente
Linguodentalizadoramente
Desvestindocemente
Tirandarroupatodamente
Sensualmente
Vagarosamente
Excitantemente
Sexualizadamente
Propositadamente
Cuidadosamente
Planejadamente
Premeditadamente
Feminilmente
Positivonegativamente
Eletromagneticamente
Eletrostaticamente
Yinyanguemente
Manguemente
Manguebeatinikamente
Grotescamente
Gongoricamente
Chocadamente
Eletrocutadamente
Magnetizadoramente
Atrativamente
Inoculadamente
Refrescantemente
Cheirosamente
Putrefatamente
Gosmentamente
Melecadamente
Frenchkissianamente
Freudianamente
Lacanianamente
Segurandogozozamente
Prudentemente
Impudentemente
Separadamente
Individualizadamente
Adoismente
Adoidadamente
Pensandosemprenoutramente
Fabuleusementemente
Intérieurmente
Maladroitemente
Musculosamente
Polpudamente
Obscenamente
Malheureusementemente
Perdidamente

Sofisticamente
Sacrapantinadamente
Profiterolicamente
Eolicamente
Vitoriosamente
Triunfantemente
Gabolamente
Divididamente
Feericamente
Ofegantemente
Affreusementemente
Açodadamente
Aneladamente
Clonadamente
Requintadamente
Aristocraticamente
Ardidamente
Ardentemente
Sordidamente
Ardilosamente
Faxiosamente
Insaciavelmente
Agriculturalmente
Aculturadamente
Falaciosamente
Remotamente
Controladamente
Discutidamente
Grevemente
Semioticamente
Libertinamente
Preocupadamente
Preocupantemente
Apreensivamente
Preensilmente
Tormentosamente
Implicadamente
Eagoramente
Prehemente
Equilibradamente
Equidistantemente
Casuisticamente
Impensadamente
Emulsificadamente
Fractalizadamente
Diafragmentalizadoramente
Têsãocortadamente
Coitinterrompidamente
Cunilingularmente
Furibundamente
Aderentemente
Àderivadamente
Resgatadamente

Radiantemente
Penumbrosamente
Recatadamente
Timidamente
Esperançosamente
Casadoiramente
Encadeadamente
Encachaçadamente
Aguardentemente
Aguardadamente
Incontidamente
Incontinentemente
Urinariamente
Viscosamente
Fosforescentemente
Alegremente
Coquetemente
Cocotemente
Barcelonicamente
Gaudíamente
Barbeadamente
Beaudelairementemente
Enivradamente
Imbricadamente
Exortadamente
Laudatoriamente
Sobressaltadamente
Sobrenaturalmente
Rebolativamente
Seronegativamente
Deoagradecidamente
Chicoteadamente
Dissimuladamente
Desbundadamente
Desbundantemente
Dialogicamente
Dialeticamente
Despautericamente
Ousadamente
Refinadamente
Estudadamente
Estudiosamente
Viajadamente
Sideradamente
Policialescamente
Investigativamente
Polinesianamente
Gauguinamente
Socraticamente
Kantianamente
Vampirescamente
Espicaçadamente
Adentradamente

Desarvoradamente
Detidamente
Permissivamente
Inandoutemente
Alvorecidamente
Sonadamente
Departamentalizadamente
Engolfadamente
Engasgadamente
Tossidamente
Empentelhadamente
Enroscadinhadamente
Encoxadamente
Enconchadamente
Palpitantemente
Provocativamente
Pecadoramente
Punitivamente
Punicamente
Beatificadamente
Canonicamente
Gregorianamente
Intrometidamente
Tantricamente
Yab-yunicamente
Nirvanicamente
Baianamente
Imortalizadamente
Enquantoduradamente
Viagrariamente
Mumificadamente
Envelhecidamente
Cheiodecismadamente
Enciumadamente
Domesticamente
Domesticadamente
Tabuabaixadamente
Goticamente
Proeminentemente
Pulsantemente
Jorradamente
Escorridamente
Aviltantemente
Intimamente
Violinisticamente
Apianadamente
Orquestradamente
Admiravelmente
Magistralmente
Magisterialmente
Miseravelmente
Empobrecidamente
Desmerecidamente

Incompreensivelmente
Indispensavelmente
Descasopoliticamente
Imperdoavelmente
Brazilianamente
Embasbacadamente
Carrascamente
Deglutidoramente
Vorazmente
Descaradamente
Velozmente
Mãosunidasmente
Parqueadamente
Globalizadamente
Globelezadamente
Aperitivamente
Abrideiramente
Entréementes
Apetitosamente
Degustadamente
Encaixadamente
Gulosamente
Carnalmente
Saciadamente
Intrusivamente
Aquosamente
Atracadamente
Unidamente
Coladamente
Estregadamente
Raladamente
Melacuecadamente
Molhacalcinadamente
Comjatoemborbulhadamente
Penicircumlatejadamente
Increfblemente
Reconfortantemente
Enrendadamente
Ligadamente
Ligadaçadamente
Seiosamente
Malhadamente
Curradamente
Encurraladamente
Mordiscadamente
Genomicamente
Criogenicamente
Pãodormidamente
Avacalhadamente
Acusticamente
Cangarrancadamente
Seriadamente
Serialmente

Mitologicamente
Bachianamente
Beladormecidamente
Beladonamente
Primadonamente
Aracnideanamente
Vascainamente
Cruzdemaltadamente
Lambluesadamente
Pontogêneticamente
Arquiteturalmente
Monkianamente
Coltranicamente
Olimpicamente
Descoladamente
Leiladionisiacamente
Binochemente
Macdowelmente
Fisherverdadeiramente
Brunamente
Magdamente
Pernalindamente
Pernalizadamente
Coxapetitosamente
Abacalhoadamente
Bicarbonatadamente
Convescoticamente
Esborniadamente
Bicodurinhamente
Rosaceamente
Menopausicamente
Doutoradamente
Absurdadamente
Sufismicamente
Espanadamente
Esparramadamente
Arrebentadamente
Maltratadamente
Esganiçadamente
Empanadamente
Sapateadamente
Arquetipicamente
Arfantemente
Greenpiscianamente
Zoroastricamente
Zodiacalmente
Angelicamente
Pintadamente
Pintosamente
Infernizadamente
Acalentadamente
Calentadamente
Escovadamente

Hertzianamente
Stamitzianamente
Clarinetisticamente
Beringelagratinadamente
Desencanadamente
Desencantadamente
Encantadamente
Depaoperadamente
Sabonetadamente
Saboeiradamente
Decifradamente
Devoradamente
Devoradoramente
Esfingicamente
Esfincterianalmente
Trepadeiramente
Botanicamente
Frutiferamente
Pandegamente
Labirinticamente
Escherianamente
Maniacamente
Manietadamente
Disputadamente
Claricelispectoradamente
Pessoamente
Satisfatoriamente
Recompensadoramente
Cazuzamente
Codinomeadamente
Baranirubramente
Atémortemente
Onomatopaicamente
Escrachadamente
Ensandecidamente
Te odeio
Por te amar
Assim
Hiperdemasiadamente.

Rio, 1995.

ELOS

Fatos
Relatos
Vidas
Feridas

Olhos
Sensíveis
Votos
Cuspíveis

Fama
Cama
Lama
Dama

Fatos
Relatos
Vidas
Feridas

Fome
Infame
Nome
Vexame

Correndo
Buscando
Vertendo
Adorando

Fatos
Relatos
Vidas
Feridas

O sal
O quintal
O mal
O avental

Metendo
Tirando
Regendo
Rogando

Fatos
Relatos
Vidas
Feridas

Lágrimas
Cálidas
Páginas
Rápidas

A conquista
A luxúria
A revista
A lamúria

Fatos
Relatos
Vidas
Feridas

Amor
Pudor
Fervor
Temor

Rancor
Da sorte
Vapor
Da morte

Fatos
Relatos
Vidas
Feridas

Dados
Concretos
Fados
Secretos

O sim
O marfim
O gergelim
O fim

Fatos
Relatos
Vidas
Feridas

DEBATE

Uns vivem a vida sem pudor de arriscar
 Outros passam por ela a beliscar
 Viver a vida arrancando da sorte o prazer
 Abster-se do intenso e feliz martírio de ser
 Tentar sugar do nada o fio invisível da experiência
 Fugir sem parar da necessária dose de irreverência
 Na bola de meia do tempo a descoberta da eterna criança
 No medo da descoberta a constatação da irrecuperável tardança
 Buscar, buscar e viver a buscar
 Adiar, adiar e morrer sem lutar
 Rebater sem demora a mediocridade do conformismo abstermido
 Assumir a dúvida da decisão abstrata de se encontrar no boêmio
 Amar intensa e sonhadoramente o mais impossível dos amores
 Assentar-se na vida rotineira do amor sem tempero e palpável
 Fazer da própria vida um poema de metro inesperado
 Temer na própria opção a revolta contra o verso rimado.

Que a vida não espera
 E a morte, implacável, te espreita
 Quem hesita jamais recupera
 Mas pra nós tudo se ajeita.

PS Quem me
 dera
 poder escrever
 no
 papel
 tudo aquilo
 que
 leio
 tão claro
 no
 céu
 sem
 véu.
 (E grinalda.)

Rio, 1995.

PORQUE O POETA COMANDA O LEITOR

Irreverente
 não é rimar
 pé
 com chulé.
 Irreverente
 é fazer
 o leitor
 cheirar
 o próprio
 pé.
 E vomitar
 o café.

Inusitado
 não é criar
 algo novo
 do nada.
 É transformar
 um belo
 definitivo
 e consagrado
 topo
 em escada.

Finalizar
 não é terminar
 o poema
 singelo
 com
 um
 ponto

.

É deixar
 no ar
 com o
 ponto
 o início
 de um
 novo conto.

Rio, 1995.

MAIS CURTAS

Digo num rompante
Trovejante:
Quem comeu
Minha sobremesa?!

O alto-falante
É importante
O fator RH
Também.

Versos
São meros detalhes
Do existir
Chegar
É uma falsa interpretação
Do partir.

E olha que eu nem falo árabe!...

Quanto mais o tempo passa
Mais a humanidade perece
E chafurda
Na própria lama por ela criada.
Êta comprovação arretada!

Ação
Simples
Tentação
Cerebral.

E pensar que o mundo é redondo!...

Ainda hei de escrever
Um poema
Para a musa morena
Da academia
Verdadeira
Reflexão
Sobre
O tesão.

Mãe
Se você me visse
Agora,
Me enchia de porrada.

O sono
 Não mete medo
 O verso inócuo
 Cai no vácuo
 Da existência
 Absurda
 E apática
 Do pensamento remediado.

Minha preocupação com o mundo
 Transcende as proporções
 Do micróbio mais furibundo.

Se você conhece
 O acontece,
 Você se merece.
 Parece.

O problema da minha existência
 É que os astros celestes ainda não descobriram um meio eficaz
 De me elogiar os versos
 Que escrevo em flautos transversos.
 Perdem-se a brilhar celebrando todas as minhas manhãs
 Eterno relicário
 Verdadeiro campanário
 Do mais profundo
 Desperdício literário.

E a vida continua
 Só aquela gostosa
 Não ficou nua
 Pra mim é claro
 Pois seria caso raro.

A questão metafísica insolúvel da possibilidade do vir-a-ser da legalidade absoluta de um ambiente mais refratário ao poder esgota-se na impossibilidade de se ler esta frase de um só fôlego em voz alta na ribalta montada na sacristia do paraíso terrestre especialmente projetada para a representação de um auto de natal patrocinado pela marca mais famosa de calcinhas esotéricas vendidas nas casas lotéricas.

E tenho dito
 No poema bendito
 Por São Sebastião
 Que pisou o dragão
 E saiu correndo na sexta
 Porque não era nem besta!

É que tudo na realidade é falso, ilusão.

Olha,
 Corre;
 Se não,
 O suor escorre.

O que é a poesia
 Se não a mera satisfação do poeta
 Ao tocar fundo
 Com ao menos um verso
 Na alma
 Do leitor
 Disperso?

Assim se comunicam as baratas
 E as caras.

Quando os deuses se encontram
 No eterno sacerdócio do bem
 (Já dizia Jimi Hendrix)
 É uma bagunça danada!...

Aí vai um poema meloso.
 Atenção:
 Oh, desculpe,
 Escorregou
 E se espatifou no chão.

O homem
 É um ser
 Incoerente
 Pois não sente
 O próprio dente.

A mulher
 É um ser
 Covarde
 Pois sofre
 Sem grande alarde.

Meto eu
 Goza você.
 E agora?

Pra não dizer que não falei de sexo.

Olha, criança,
 Não seja poeta
 Seja um atleta
 Um doutor
 Um empresário
 Aviador
 Ou até um
 Fazedor de brinquedo
 Porque aí
 Você dorme mais cedo.

POEMA INTERROGADO

Será que alguém já teria falado
Da presença da ausência do ser amado?
Do sono acompanhado?
Do pensamento que viaja amparado?
Não?
Que erro danado!

Rio, 1995.

Copyright

PERSONAGENS NOTURNAS

Um gato vagueia na esquina
Em meio a uma discreta ventania
É só uma chuva de verão
Diria a matrona ensandecida

Um homem procria solitário
Fecundando o asfalto sob o vão do viaduto
É a vida que redige mais um estatuto
Nos jornais as fofocas mais recentes do Congresso

Um covarde refugia-se nas linhas do papel
Sofre com a injustiça e desnuda o temporal
Cantor silencioso das mazelas sociais
Os livros custam caro no país dos carnavais

Uma sombra a mais desvirtua a crua rua
Passagem arborizada transformada em inferno metafísico
Em nome do pai e do filho da mãe
Na sorte grande a sabedoria se conquista

(com o justo preço à vista)

Rio, 1995.

MULHER

Esteio do amor a dois
Mais forte na fraqueza
Vitoriosa na beleza
Se os homens pudessem aprender contigo
Esse jeito despojado e verdadeiro
De amar
De se entregar
És um símbolo, um brasão
Da luta incansável na paixão
Derrotando a do companheiro solidão
Te amo uma em todas as mulheres
Mães, amantes, putas e esposas
Perdidas e achadas nesta vida tão sofrida
Mulher,
Me ensina a te entender
Te aprender
E cada vez mais a
Sempre
Te querer.

Rio, 1995.

Copyright